

A Primeira Epístola aos Coríntios

Hamilton Smith

PREFÁCIO

A Primeira Epístola aos Coríntios visualiza a igreja de Deus em seus privilégios e responsabilidades na terra, e apresenta a ordem de Deus para executar essas responsabilidades localmente.

As desordens graves que existiam nesta igreja foram a causa imediata da Epístola ser escrita; ela é, portanto, uma epístola corretiva. Mas é evidente que o apóstolo Paulo, guiado pelo Espírito de Deus, não só corrige os abusos em uma igreja local durante aqueles primeiros dias, mas também nos dá instruções divinas e inspiradas para sempre quanto à manutenção da santa disciplina na casa de Deus, e a ordem divina para o povo de Deus, que forma o corpo de Cristo, quando se ajuntam nas reuniões da igreja.

No decorrer da Epístola aprendemos que existia nesta igreja a frouxidão moral, a desordem na igreja e o erro doutrinário. Um mal leva a outro. A experiência muitas vezes comprovava que o mundanismo e a frouxidão moral serão encontrados por trás da desordem na igreja e que a desordem na igreja abre a porta para o erro doutrinário.

As divisões principais da Epístola tratam com esses males nesta ordem:

Primeiro, em 1 Coríntios 1 a 10 o apóstolo trata com a frouxidão moral introduzindo a Cruz de Cristo e o Espírito Santo para excluir a sabedoria deste mundo e a licença da carne, e nos dá direções para a manutenção da disciplina entre o povo de Deus.

Segundo, em 1 Coríntios 11 a 14 o apóstolo trata com a desordem na igreja apresentando a ação graciosa do Espírito Santo na igreja vista como o corpo de Cristo.

Terceiro, em 1 Coríntios 15 ele trata com a doutrina falsa que mina o Evangelho e ataca a Pessoa de Cristo negando a ressurreição dos mortos.

1 CORÍNTIOS 1

(Versos 1-3). Ao escrever à igreja em Corinto, Paulo o faz como um apóstolo, e tem cuidado em afirmar que recebeu a sua autoridade de apóstolo pelo chamamento de Jesus Cristo pela vontade de Deus, e não conforme indicação de homem ou segundo a vontade do homem. Escrevendo como um apóstolo é bastante gracioso ao associar a ele um irmão. Se este irmão fosse o Sóstenes que, em dias passados, tinha sido o principal da sinagoga em Corinto, era bem conhecido deles (At 18:17). Ele se dirige à igreja de Deus em Corinto como aqueles que são “santificados em Cristo Jesus, chamados santos”. Ele assim vê os santos como colocados à parte para Cristo enquanto passam por este mundo, e ao mesmo tempo chamados para fora deste mundo mau de hoje para terem parte com Cristo acima, pois a nossa chamada é “celestial” e “do alto” (Hb 3:1; Fp 3:14).

O apóstolo, enquanto se dirige à igreja em Corinto, conecta a eles “todos os que em todo lugar invocam o Nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso”. Há um só Senhor de quem toda igreja local pode dizer, em referência a todas as outras, Ele é tanto deles como nosso. Isso é da mais profunda importância em uma epístola que trata com a conduta prática do cristão, e a manutenção de disciplina e ordem na igreja. Isso claramente mostra que as instruções se aplicam a todos os cristãos professos para sempre. Muitas vezes no decorrer da Epístola encontraremos passagens que refutam a tentativa de limitar a instrução a uma igreja local e à idade apostólica. (ver 1 Co 4:17; 1 Co 7:17; 1 Co 11: 16; 1 Co 14:36, 37; 1 Co 16:1). O apóstolo terá de falar claramente quanto à desordem nesta igreja, mas atrás de todas as suas palavras claras de condenação o seu desejo sincero é que eles possam gozar das bênçãos da graça e da paz de “Deus nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo”.

(Versos 4-9). Embora ele tenha muito para corrigir nesta igreja devido ao seu baixo estado, sem embargo agradecidamente reconhece a graça de Deus em relação a eles, e a fidelidade de Deus para com eles. A graça de Deus tinha chegado a eles, como a todos nós, em virtude de Jesus Cristo. Esta graça os tinha enriquecido com todas as bênçãos espirituais em Cristo e tinha-lhes dado “toda a palavra” e “todo o conhecimento” da doutrina. Houve um testemunho de Cristo no meio deles, confirmado pelo conhecimento da verdade, que possuíram, e o fato de que não ficavam atrás em nenhum dom e que esperavam pela revelação de nosso Senhor Jesus Cristo. Além disso, a graça que os tinha abençoado tão ricamente os confirmaria até ao fim, para que, por mais que o apóstolo tivesse de corrigi-los em sua condição dom, no dia do Senhor eles seriam irrepreensíveis.

Ademais, por mais que os santos possam ser desleais, o apóstolo pode dar graças porque “fiel é Deus”, por quem os crentes são “chamados para a comunhão do Seu Filho Jesus Cristo o nosso Senhor”. Aqui, deve ser observado, que não é a comunhão com o Seu Filho, mas a comunhão do Seu Filho, uma comunhão da qual Cristo, como Senhor, é o vínculo, e que inclui todo aquele que invoca o Seu Nome. Essa é a verdadeira comunhão cristã, e a única que a Escritura reconhece. Os cristãos podem formar outras comunhões das quais o vínculo é a manutenção de alguma verdade importante, ou a condução de alguma obra especial, mas tais comunhões são sectárias em caráter e de necessidade muito distante da comunhão para a qual somos chamados, e que tem o Senhor como o seu vínculo, a ceia do Senhor como a sua expressão mais profunda, e o Espírito Santo como o seu poder dirigente (1 Co 10:16, 17; 2 Co 13:14). Uma geração pode passar e o outra surgir, mas o único Senhor (Ef 4:5) permanece, e apesar da grande ruína e confusão na profissão cristã, a Sua vontade para a conduta dos

chamados para a comunhão da qual Ele é o vínculo, e para a disciplina e ordenação das reuniões de Deus, permanece em toda a sua força como revelado nesta Epístola.

É perceptível que, enquanto agradece a Deus pela Sua graça, o apóstolo é incapaz de exprimir qualquer aprovação da condição espiritual deles. Enquanto ele se deleita por reconhecer a fidelidade de Deus, não pode dirigir-se a eles como “irmãos fiéis”, como o faz escrevendo aos santos em Éfeso e Colossos (Ef 1:1; Cl 1:2). Infelizmente, ele tem que reconhecer um pouco depois que, apesar de terem “todo o conhecimento” e não faltar “nenhum dom”, eram “ainda carnis”, e não pode falar-lhes “como a espirituais”. A carne pode se jactar no conhecimento e usar os dons para a própria exaltação, mas fazemos bem nos lembrar que o mero conhecimento, e a possessão de todos os dons, não evitarão a desordem ou assegurarão a espiritualidade se a carne não for julgada.

Tendo assim reconhecido o que era de Deus na igreja, o apóstolo começa a tratar com as desordens prevaletentes no meio deles, as quais impediram o crescimento espiritual e o testemunho de Cristo.

(Versos 10, 11). O primeiro grande mal tratado é o estado de divisão que existia no meio deles. “Há”, escreve o apóstolo, “contenda entre vós”; e novamente em 1 Co 11:18, “ouço que há entre vós dissensões”. Ele abre este assunto com uma apelação para a qual dá a importância mais grave invocando “o nome do nosso Senhor Jesus Cristo”. Ele apenas lembra a igreja em Corinto, e nós, que “fomos chamados para a comunhão do Seu Filho Jesus Cristo o nosso Senhor”. Este chamamento, que traz com ele muitos privilégios, implica na responsabilidade de ser verdadeiro na comunhão em nosso caminhar e em nossos caminhos. Para gozar dos nossos privilégios, e levar a cabo as nossas responsabilidades, somos exortados a sermos perfeitamente unidos no mesmo sentido e no mesmo parecer, para que não haja nenhuma divisão entre o povo de Deus, ou brecha na comunhão.

(Verso 12). O apóstolo passa a expor a raiz da qual brotam as divisões. “Cada um de vós diz: Eu sou de Paulo; e, eu de Apolo; e, eu de Cefas; e, eu de Cristo”. Por um lado exaltavam os servos dotados do Senhor a uma posição falsa como os centros da reunião, que é o princípio maligno do *clericalismo*; por outro lado estavam formados em partidos em torno destes servos e assim começou o mal do *sectarismo*.

Pode-se perguntar, que tal os indivíduos que negaram todos os homens como líderes, e disseram: “e, eu de Cristo”? Esses realmente eram piores do que outros, pois eles tentavam fazer Cristo o líder de um partido e ignoravam os dons que Cristo tinha dado. Era a suposição de espiritualidade superior que professava ser capaz de prescindir do ministério de outros, e a pretensão de se apropriarem de Cristo exclusivamente para eles mesmos.

O mal aqui é o oposto daquele sobre o qual o apóstolo fala em Atos 20:30. Lá ele avisou os anciãos de Éfeso que os problemas se levantariam dentre os líderes; aqui ele afirma que se levanta dentre os discípulos. Lá ele fala do que ocorreria depois da sua morte, aqui do que estava tendo lugar no tempo da sua vida. Um mal leva a outro. O mal que começa com a formação de partidos cristãos em torno de líderes termina com os líderes ensinando coisas perversas. Este princípio solene, que se mostrou em Corinto, esteve operando por toda a história da igreja com resultados desastrosos parecidos. O povo se arranjou em torno de professores favoritos, e os líderes, permitindo serem colocados nessa posição falsa, finalmente ensinaram coisas perversas e trouxeram a divisão dentre o povo de Deus por atraírem discípulos após si mesmos.

(Versos 13-16). O apóstolo condena o sectarismo deles perguntando: “Está Cristo dividido?”. Fomos chamados para uma comunhão da qual Cristo é o vínculo. Podemos, infelizmente, formar outras comunhões com algum outro vínculo, mas não podemos dividir Cristo. Então ele condena o clericalismo deles perguntando: “Foi Paulo

crucificado por vós?”. Paulo recusou ser exaltado a uma posição falsa como um centro da reunião do povo de Deus. O único centro verdadeiro da reunião do povo de Deus é Aquele que provou a Sua reivindicação sobre eles sendo crucificado por eles. Paulo, por mais que amasse o povo de Deus, não tinham sido crucificados por eles. Ele não usurparia o lugar nos afetos do povo de Deus que pertencem apenas ao Crucificado. Seu único objetivo, como o de todo servo verdadeiro, era, como ele diz, desposá-los a um marido para que pudesse apresentá-los como uma virgem pura para Cristo (2 Co 11:2). Nem Paulo tinha se feito um centro da reunião batizando no nome de Paulo. Na verdade tinha batizado apenas a Crispo e a Gaio, e também a família de Estéfanos; quanto ao resto desses santos coríntios, tinha se absterido de batizá-los para que alguém não dissesse que batizava no seu próprio nome e por isso procurava formar um partido em torno dele mesmo. Em assim exaltando os seus professores favoritos, e buscando ganharem distinção para si mesmo por segui-los, gloriavam-se em homens e não no Senhor, nos dons e não no Doador.

Para enfrentar estes males o apóstolo insiste em duas grandes verdades: primeira, a Cruz de Cristo, o grande tema do resto deste capítulo; segunda, a presença e poder do Espírito Santo, o grande tema do segundo capítulo. Ele terá muito para corrigir detalhadamente quanto à conduta deles, mas antes de assim fazê-lo procura estabelecê-los nas grandes verdades que excluem inteiramente a carne, a tolerância na qual está a raiz de toda a desordem na igreja de Deus. A Cruz trata com a carne no julgamento perante Deus. A presença do Espírito Santo é intolerante para a carne na igreja de Deus na terra. É uma consideração solene para nós tudo isso, sempre que permitamos à carne manifestar-se na igreja de Deus, praticamente negamos a obra da Cruz, e ignoramos a presença do Espírito Santo.

Primeiro, o apóstolo fala da Cruz de Cristo no Verso 17. Em conexão a isso temos a pregação da Cruz nos versos 18-25, o chamamento de Deus nos versos 26-29, e, finalmente, a posição na qual o chamamento de Deus nos traz nos versos 30 e 31. Cada uma dessas verdades exclui inteiramente a carne e leva à conclusão de que: “Aquele que se gloria glorie-se no Senhor”.

1. A Cruz de Cristo.

(Verso 17). O apóstolo em primeiro lugar confirma diante destes crentes a Cruz de Cristo. Ele tinha sido enviado, não para batizar, mas para pregar as boas novas. A pregação não foi com a sabedoria de palavras para que a Cruz de Cristo não fizesse nenhum efeito. O Evangelho não pode ser anunciado por meras palavras; deve ser anunciado pela Cruz. É um princípio profundamente importante compreender que Deus nos comunica com Ele pelas Suas ações, e não simplesmente por descrições ou afirmações Dele mesmo. A filosofia e a teologia procuram descrever Deus; mas a descrição requer a sabedoria de palavras, e a sabedoria de palavras demanda o ser humano aprenda a imaginar e entender as palavras. Deus é muito grande para ser descrito por palavras, e somos muito pequenos para perceber meras descrições. Assim Deus tomou outro caminho, na verdade o único caminho possível, para fazer a Ele mesmo e as Suas boas novas conhecidas. Ele se fez conhecido pessoalmente e em ações. Deus se tornou manifesto na carne na Pessoa de Cristo, e se fez conhecido em todas as Suas atividades entre os homens. E essas atividades de graça e amor e santidade culminam na Cruz de Cristo. A Cruz é a maior demonstração possível do amor de Deus para com o pecador, do ódio de Deus contra o pecado, e da colocação de lado do homem carnal.

Sendo assim, o apóstolo recusa anunciar as boas novas por meras descrições, que implicam a sabedoria de palavras, mas não confirma diante delas a Cruz de Cristo, que deixa de lado o homem que os Coríntios estavam exaltando.

2. A pregação da Cruz

(Versos 18-25). Os filósofos preferem as suas dissertações eruditas; por isso, a pregação da Cruz é para eles loucura para os que perecem. Os sábios deste mundo não enxergam a glória da Pessoa que foi cravada na cruz, e por essa razão não vêem o amor de Deus que deu a Si mesmo para sofrer, nem a santidade de Deus que demanda tal sacrifício, nem a ruína completa do homem demonstrada na Cruz. Tudo o que vêem é um Homem pregado a uma Cruz entre dois ladrões; por isso a pregação da salvação pela Cruz parece para eles uma loucura completa. Aqueles que pensam assim são aqueles que perecem. Para aqueles que são salvados a Cruz é o poder de Deus para salvar, pois por meio dela Deus pode justamente salvar o mais vil pecador.

A sabedoria do mundo é assim exposta e reduzida a nada. O mundo teve muito tempo para desenvolver a sua sabedoria, o resultado é que toda a sabedoria dos filósofos se mostrou loucura, já que deixou o homem na ignorância completa de Deus. O fim de toda a sabedoria do homem é que “o mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria”. Não foi que o mundo pela sua ignorância ou estupidez não conhecia a Deus, mas pela sabedoria ele não conhecia a Deus. O resultado líquido de toda a sabedoria das eras – os esforços combinados do intelecto mais aguçado do mundo – é para deixar o homem na ignorância completa de Deus, e na ignorância completa de si mesmo. Quando o fracasso completo da sabedoria do homem tinha sido demonstrado, então agradou a Deus pela loucura da pregação salvar aqueles que crêem.

Mas a forma de Deus revelar a Si mesmo e abençoar o homem é igualmente ofensivo para os judeus e para os gentios. Os judeus pediam “sinal”, alguma intervenção miraculosa de Deus que apelasse para os sentidos; os gentios buscavam o raciocínio filosófico que apelasse para a mente. Deus apela para a consciência e o coração através de Cristo crucificado. Isso, contudo, era uma pedra de tropeço para os judeus e loucura para aos gentios.

Os Judeus procuravam um Messias que reinasse no poder de um trono, Alguém que reavivasse o reino, suprimisse os seus inimigos, e estabelecesse Israel como cabeça das nações. Cristo reinando em um trono podiam entender; Cristo crucificado em uma Cruz era uma ofensa para eles. Não tendo nenhum sentido para a necessidade deles como pecadores, não podiam ver nenhum significado na Cruz. Para eles em sua incredulidade ela se tornou pedra de tropeço.

Quanto aos gentios, que procuravam algo que apelasse para a razão – alguma coisa nova, algum esquema da filosofia – dizer a eles que havia salvação através de um Homem crucificado; vida através de um Homem morto; poder através de Alguém que foi crucificado em fraqueza, era falar daquilo que na visão deles era uma loucura completa. Sem embargo, para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é o poder de Deus e a sabedoria de Deus. Nele os tais descubrem o poder de Deus para salvar, e a sabedoria de Deus na realização de todos os Seus propósitos.

Para a mente do homem a pregação é “a loucura de Deus” e a Cruz “a fraqueza de Deus”. Sendo assim, isso apenas provará que “a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens”.

3. O chamamento de Deus

(Versos 26-29). O apóstolo colocou de lado a carne religiosa do judeu, e a carne intelectual do gentio, apresentando a Cruz e a pregação da Cruz. Agora ele coloca de

lado o orgulho da carne apresentando o chamamento de Deus. “Vede irmãos a vossa vocação, que não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres, que são chamados”. O louco, o débil, o vil, o desprezado, e as coisas que não são, Deus escolheu para confundir o sábio e “aniquilar as que são”. Por isso veio a acontecer que um mendigo cego confundiu os sábios fariseus, e simples pescadores confundiram tão completamente os sábios regentes de Israel que foram compelidos a dizer: “O que faremos?”

Deus assim usa “as coisas que não são, para aniquilar as que são”. Durante os dias dos apóstolos as coisas pelas quais os homens procuravam se exaltar era o judaísmo e a filosofia; e Deus usou homens simples para reduzir essas coisas a nada, para que nenhuma carne pudesse se gloriar em Sua presença.

A carne deve se gloriar em alguma coisa, seja o nascimento as riquezas ou o intelecto; mas na presença do Deus nem o crente nem o incrédulo podem gloriar-se dessas coisas. Aliás, na presença uns dos outros podemos procurar nos exaltar pelo nascimento, ou pelas riquezas, ou pela sabedoria, ou pelas realizações; mas na presença de Cristo nos envergonhamos das mesmas coisas nas quais nos gloriamos diante uns dos outros. Não ousamos mencioná-las em Sua presença, salvo para nos condenar por nos gloriar nelas. Gloriar-se nelas mostra apenas quão pouco estamos em Sua presença.

4. A posição do crente em Cristo

(Versos 30, 31). Finalmente, o apóstolo coloca de lado a carne apresentando a origem e a posição do crente. O crente é “de Deus”. Quão maior é ser “de Deus” do que ser nobre de nascimento, poderoso, sábio, ou rico. Ainda mais, somos de Deus “em Cristo Jesus”. Não apenas temos uma origem de Deus, mas somos colocados em uma posição inteiramente nova perante Deus – estamos “em Cristo Jesus”. Não estamos diante de Deus em condição e posição de Adão, distante de Deus e sob julgamento, mas estamos em Cristo em toda a Sua apropriação de Deus e do céu.

Isso ainda não é tudo. Podemos ter apenas pouca sabedoria por nós mesmos; sem embargo, Cristo é feito para nós sabedoria. Não precisamos nos voltar para a sabedoria para a filosofia, para homens sábios, ou para a nossa própria sabedoria imaginativa, pois temos a Cristo. Tendo Cristo vemos de uma vez o que toda a sabedoria do mundo nunca pode nos ensinar. Cristo, na Cruz, expos completamente a nossa ruína e tornou Deus conhecido em Seu amor. Cristo na glória expõe todos os propósitos de Deus. Em Cristo vemos a sabedoria de Deus encontrando a nossa ruína e cumprindo o Seu propósito.

Além disso, Cristo é feito para nós justiça. Não temos nenhuma justiça de Deus. A justiça de Deus é vista em nos justificar consistentemente com Ele mesmo pela morte de Cristo. Se quisermos saber o que essa justiça é, e quão perfeitamente nos ajusta para a glória, então não precisamos confiar no homem ou em nós mesmos, mas em Cristo. Ela esta exposta em Cristo na glória.

Cristo também é feito para nós a santificação. Cristo é a medida, o padrão e o poder para a santificação. Finalmente, Cristo é feito para nós a redenção, “a libertação completa dos efeitos do pecado em nossos corpos”, pela qual esperamos. Já vemos essa redenção exposta em Cristo; nós a temos agora em Cristo o nosso Cabeça; esperamos para que ela seja manifestada em nós.

Tendo, então, tudo em Cristo, e nada no homem como tal, “aquele que se gloria, glorie-se no Senhor”. Assim a Cruz, a pregação da Cruz, o chamamento de Deus, e a nossa posição em Cristo perante Deus, excluem inteiramente a carne.

1 CORÍNTIOS 2

No primeiro capítulo o apóstolo mostrou que Cristo crucificado, a pregação da Cruz, e a chamada de Deus, deixaram inteiramente de lado a carne, não deixando nenhuma oportunidade para o homem se gloriar. Neste capítulo o apóstolo aplica o ensino de 1 Coríntios 1 a si mesmo e a sua maneira de apresentar o testemunho de Deus. Em concordância com o seu próprio ensino ele refugou a carne nele mesmo para ser verdadeiro à Cruz, e para que não pudesse haver nenhum impedimento para a obra do Espírito. Nos cinco primeiros versos o apóstolo nos diz como pregou o Evangelho aos pecadores. A última parte do capítulo nos diz como ele ministrou as coisas profundas de Deus aos santos. Em ambos os casos foi no poder do Espírito. Isso leva o apóstolo a apresentar o Espírito Santo que, em Sua obra graciosa, deixa inteiramente de lado a carne e nos instrui na mente de Cristo.

(Versos 1, 2). Quando Paulo veio a Corinto ele não fez nenhuma apelação ao homem natural tentando usar a excelência da pregação ou pela exposição de sabedoria humana. Ele veio para anunciar o testemunho de Deus acerca de Jesus Cristo e este crucificado. O grande *objeto* da sua pregação foi a Pessoa – Jesus Cristo – mas aquela Pessoa em uma Cruz, a posição mais baixa e mais degradante na qual um homem pode ser encontrado. Paulo diz a esses Coríntios intelectuais que, para que os pecadores fossem salvos, Cristo devia ir para a Cruz. Para dar aos crentes o Seu lugar diante de Deus, Ele teve que tomar o lugar deles diante de Deus. A Cruz estabelece o nosso verdadeiro lugar diante de Deus como pecadores. Não há nada dignificante, ou heróico, ou nobre a respeito de uma cruz. Ela é um lugar de vergonha e reprovação, de juízo e de morte. Dizer a um homem que este é o seu verdadeiro lugar diante de Deus torna em nada toda a sua sabedoria, grandeza e excelência. Por mais sábio, por mais rico, por mais nobre de família que um homem possa ser, a Cruz diz a ele que, apesar de tudo o que ele possa ser diante dos membros da raça humana, à vista de Deus ele é um pecador culpado sob a sentença de morte e de juízo. A pregação da Cruz por isso torna em nada o orgulho de todo homem.

(Verso 3). Além disso, o próprio pregador esteve entre eles em uma *condição* que era humilhante para o orgulho do homem. Ele não veio como um orador seguro em si. Consciente da sua própria fraqueza, compreendendo a necessidade profunda daqueles a quem pregou, e a gravidade da sua mensagem, esteve entre eles em temor e muito tremor.

(Versos 4, 5). Ademais disso, no *significado* da sua pregação recusou todo método carnal para deixar espaço para Deus operar. Ele não procurou ganhar os seus ouvintes pela exposição da sua própria sabedoria ou habilidade natural. Ele não expos o testemunho de Deus em linguagem eloqüente, a qual poderia ter apelado aos seus ouvidos refinados e tê-los atraído para ele mesmo.

No *objeto* pregado, na *condição* do pregador, e no *significado* da pregação, não houve nenhuma concessão para a carne do apóstolo, e nenhuma apelação à carne em seus ouvintes.

Essa completa recusa em usar meios carnis, ou apelar para a carne, deixou espaço para o Espírito operar em força poderosa. Se sob tal pregação houver fé – se alguém crer naquilo que é tão humilhante para o homem, que acaba com o homem no juízo – então obviamente não é a sabedoria do homem que os leva a crer, mas o poder do Espírito de Deus que opera neles. Em tal pregação o Espírito é capaz de demonstrar

aos pecadores a necessidade profunda deles, e operar com desimpedido poder, os conduzindo à fé que não descansa na sabedoria de homens, mas no poder de Deus. Não é apenas uma questão da verdade na qual eles crêem, mas no caminho pelo qual a receberam. Ela foi recebida não de um homem, embora aquele homem fosse um apóstolo, mas de Deus.

(Verso 6). A partir deste verso o apóstolo começa a falar da atitude que tomou em relação àqueles que eram o objetivo do poder de Deus, e por isso tinham aceitado o Evangelho. Ele fala deles como os “perfeitos”. Por esse termo ele não quer dizer aquilo que alguns chamam de “perfeição sem pecado”, ou que eles já fossem conformados à imagem de Cristo; isto só será na glória. O termo “perfeito” implica que o tal tinha aceitado a nova posição perante Deus que pertence ao crente em Cristo, e por isso era um cristão maduro. O termo não indica simplesmente um crente em contraste com um pecador; é usado mais para descrever um crente maduro em contraste com alguns crentes aos quais o apóstolo chama de “meninos” (1 Co 3:1).

(Verso 7). Dentre os quais Paulo de fato falou a sabedoria. O apóstolo então passa a nos dar alguma instrução muito definida quanto a esta sabedoria, para que possamos não confundi-la com a sabedoria do homem.

Primeiro: ele nos diz que não é a sabedoria desta era, nem mesmo a sabedoria de uns poucos gigantes intelectuais que moldam os pensamentos do mundo. Estes príncipes intelectuais, apesar de toda a sua sabedoria, “se aniquilam”, em contraste com o crente que chega à “glória” (Verso 7), na companhia do “Senhor da glória” (Verso 8). Aqueles que brilham na glória deste mundo chegam a nada, enquanto aqueles que são nada neste mundo chegam à glória.

Segundo: esta sabedoria é “a sabedoria de Deus”. Se fosse a sabedoria do homem, ela poderia ser adquirida nas escolas dos homens. Sendo a sabedoria de Deus está fora do programa das escolas, e distante do alcance da mente humana.

Terceiro: ela é a sabedoria de Deus “oculta em mistério”, palavras que de modo nenhum implica em que seja obscura ou misteriosa, mas que é uma sabedoria que não pode ser descoberta pela capacidade intelectual do homem. Além disso, por todas as eras tem estado “oculta”, e por isso não deve ser encontrada nas Escrituras do Velho Testamento.

Quarto: esta sabedoria, que por todas as eras estava oculta, foi predeterminada antes das eras para a nossa glória nas eras ainda por virem. Essa sabedoria incluiu o conselho secreto de Deus, ordenado antes dos séculos, para a glória do Seu povo. Poderíamos ter pensado que o apóstolo teria dito para a glória de Deus e de Cristo. Sabemos de fato que será para a glória de Cristo. Aqui, contudo, o apóstolo está urgindo sobre nós o fato de que, se o nosso chamamento torna manifesto que os crentes são os mais fracos e desprezíveis do mundo, todavia são predestinados para a glória. Podemos não ser sábios, ou poderosos, ou nobres neste mundo, mas somos chamados para a glória.

(Verso 8). Quinto: desta sabedoria, ordenada antes dos séculos, e desta glória, à qual somos predestinados para as eras ainda por virem, os príncipes deste mundo não souberam. Eles provaram a sua ignorância crucificando o Senhor da glória. Eles rejeitaram completamente Aquele que é a sabedoria de Deus, e por Quem todos os conselhos de Deus se originaram. Esta sabedoria de Deus em um mistério diz aos crentes que eles são predestinados à glória, e Aquele que foi crucificado é “o Senhor da glória”. Essa glória excede a glória de Cristo como o Messias, com relação a Israel, que reina sobre a terra. O reino terrestre não é nenhum mistério. Os profetas estão cheios de previsões gloriosas acerca das glórias do reino. “O Senhor da glória” fala de uma cena

mais ampla do que esta terra; fala de um domínio universal que abrange todas as coisas e seres criados, sobre os quais Aquele que foi crucificado é feito o Senhor.

(Verso 9). Sexto: esta cena de glória, para a qual a sabedoria do Deus destinou o Seu povo, está fora dos limites do homem natural. Por isso o apóstolo cita o profeta Isaías para mostrar que Deus tem segredos, nos quais o homem como tal não pode entrar. O seu olho, ajudado por instrumentos maravilhosos, pode olhar para longe as profundidades do espaço e para as maravilhas miúdas da natureza; o seu ouvido pode ser treinado para ouvir e apreciar maravilhosas combinações de sons melódiosos; a sua mente é capaz de concepções e emoções maravilhosas, mas há coisas que Deus preparou para aqueles que O amam as quais o homem natural não viu nem ouviu e que estão além do limite dos mais altos vãos da sua imaginação.

(Verso 10). Sétimo: o fato de que a sabedoria de Deus está fora da compreensão do homem natural não implica que as coisas da sabedoria não podem ser vistas, não podem ser ouvidas, e não podem ser conhecidas, pois ao mesmo tempo o apóstolo diz: “Deus no-las *revelou*”. As coisas que Deus *preparou* Deus as *revelou*. Se, contudo, Deus revelou essas coisas, é “pelo Seu Espírito”. Apenas o Espírito é competente para revelar essas coisas, já que nada está além do limite do conhecimento divino e do poder do Espírito. Ele penetra *todas as coisas*, sim as coisas profundas de Deus. Podemos procurar nos desculpar da nossa falta de energia espiritual dizendo que essas coisas são muito profundas para nós; mas vamos nos lembrar de que elas não são muito profundas para o Espírito, pois Ele “penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus”.

(Verso 11). O que está na mente de homem não é conhecido por ninguém além do próprio espírito do homem que tem os pensamentos. Ninguém conhece o pensamento não comunicado da minha mente exceto o meu próprio espírito; portanto ninguém conhece os pensamentos e os conselhos não comunicados de Deus salvo o Espírito de Deus.

(Verso 12). O apóstolo e outros vasos de revelação receberam o Espírito que é de Deus para que pudessem conhecer as coisas que nos são dadas gratuitamente por Deus. “Esse é o conhecimento das próprias coisas nos vasos de revelação”. No sentido primário a verdade desses versos, 10 a 12, está limitada aos apóstolos; é a *revelação* que é o objeto.

(Verso 13). Além disso, as coisas que foram tornadas conhecidas aos apóstolos pela revelação do Espírito nos foram transmitidas pela inspiração do Espírito. Na comunicação dessas coisas o apóstolo tem o cuidado excluir qualquer erro possível do homem dizendo que essas coisas não são comunicadas “*com palavras* de sabedoria humana, mas com as que o Espírito Santo ensina”. Essa é a reivindicação apostólica da inspiração verbal. As próprias palavras usadas são inspiradas pelo Espírito Santo. As coisas espirituais são comunicadas por meios espirituais. Os instrumentos não foram feitos infalíveis, mas foram perfeitamente guiados em suas comunicações. Isso é inspiração.

(Versos 14, 15). Assim aprendemos que a sabedoria de Deus é tornada conhecida pela revelação e comunicada a outros pela inspiração. Agora aprendemos que a recepção da verdade também é pelo Espírito de Deus. O homem natural não pode receber as coisas de Deus; elas são loucura para ele; elas só podem ser discernidas espiritualmente. Mas aquele que é espiritual discerne todas as coisas. Fazemos bem em nos lembrar de que é o “espiritual”, não simplesmente aquele que tem o Espírito, que discerne todas as coisas. Um homem, de fato, deve ter o Espírito para ser espiritual; mas ser espiritual implica em uma condição na qual um homem está sob o controle do Espírito. O tal discerne todas as coisas, ainda ele mesmo não é discernido de ninguém.

O homem espiritual pode discernir os motivos que governam o mundo, embora o mundo não possa discernir os motivos e princípios que governam o homem espiritual.

No verso 14 o apóstolo fala do homem natural, no verso 15 do homem espiritual, e em 1 Coríntios 3 do homem carnal. O homem natural é o homem não convertido, sem o Espírito; o homem carnal é o crente, que tem o Espírito, mas anda como o homem natural; o homem espiritual é o crente que anda no Espírito.

(Verso 16). No verso 15 o apóstolo nos diz que “o espiritual discerne bem tudo”. Não é de fato que o tal naturalmente conhece a mente do Senhor, ou pode instruí-Lo; mas o Senhor deu aos crentes o Seu Espírito e os instrui; os tais, por isso, podem dizer: “Nós temos a mente de Cristo”.

Se o primeiro capítulo exclui a carne em seu orgulho pelo nascimento, pelo poder e pela posição, para que aquele que se gloria se glorie se no Senhor, este capítulo exclui a mente do homem, para que os crentes possam ser inseridos no privilégio de ter “a mente de Cristo” pelo Espírito.

O Espírito é o grande tema do capítulo. Se Paulo trouxe o testemunho de Deus a pecadores, este é “em demonstração de Espírito e de poder” (Verso 4). Se Deus preparou grandes bênçãos para aqueles que O amam, estas são reveladas aos apóstolos pelo Espírito (Verso 10). As coisas que são reveladas pelo Espírito são completamente conhecidas do Espírito (Versos 10 e 11). As coisas reveladas e conhecidas aos apóstolos são, por eles, comunicadas a outros pelo Espírito (Verso 13). As coisas comunicadas pelos apóstolos são recebidas pelo Espírito (Verso 14), o resultado é que os crentes são, pelo Espírito, instruídos na mente de Cristo (Verso 16).

1 CORÍNTIOS 3

Tendo trazido diante de nós a Cruz quanto ao deixar de lado a carne no julgamento, e o Espírito Santo quanto ao deixar de lado a sabedoria deste mundo, o apóstolo agora retorna ao tema com o qual começou a epístola, o estado de divisão que existia na igreja em Corinto. Mais tarde tratará com outras manifestações da carne, mas, ao que parece, trata primeiro com esta maldade em particular, pois muito freqüentemente desde aqueles dias, um estado de divisão na igreja a torna difícil, se não impossível, de ser corrigida em outros abusos.

O apóstolo primeiro se refere à baixa condição da igreja comprovada pela sua atitude carnal em relação aos servos de Deus (Versos 1-4). Para corrigir este abuso de dons e servos dotados, o apóstolo dá instrução valiosa quanto ao serviço, ou obra, para o Senhor (Versos 5-23), e quanto aos servos, ou obreiros, em 1 Coríntios 4.

1. A baixa condição espiritual da igreja

(Versos 1-4). Com toda a sua sabedoria e conhecimento alardeados e dons a igreja dos Coríntios estava em uma condição espiritual tão baixa que o apóstolo foi incapaz de ministrar a eles as coisas profundas de Deus. É verdade que eles não eram homens *naturais* que não têm o Espírito (1 Co 2:14), nem eram eles homens *espirituais* que andam segundo o Espírito, mas o apóstolo teve que dizer: “Não sois *carnais*?”. Eles eram crentes, tendo o Espírito, mas andando segundo a carne. Quão profundamente humilhante é descobrir que é possível ser enriquecido com toda elocução, conhecimento e dom, e ser “farto” e “sábio em Cristo” e “forte” (1 Co 4:8-10), e contudo, na visão de Deus, ser carnal, ou espiritualmente pouco desenvolvido, como um bebê que deixou de crescer, e por isso incapaz de assimilar a rica e espiritual comida que Deus proveu ao Seu povo.

O apóstolo os convence de sua carnalidade chamando atenção para as condições que existiam entre eles. Ele diz: “há entre você invejar, contendas”. Em suas formas práticas eles andavam como homens naturais. Ao em vez de servirem um a outro em amor, como convinha a santos, tinham inveja um do outro e procurando igualar, ou sobressair, um ao outro no conhecimento e no exercício dos dons, até como homens do mundo. A *inveja* estava então na raiz de toda contenda entre eles. Talvez não haja nenhum poder maior da maldade no mundo do que a inveja. A inveja levou ao primeiro assassinato no mundo, quando Caim se levantou contra seu irmão e o matou; e a inveja levou ao maior assassinato no mundo, quando os judeus mataram o Príncipe da vida, pois lemos que Pilatos “sabia que por inveja eles O tinham entregado” (Mt 27:18). Não será descoberto que a inveja foi a causa principal de todas as contendas entre o povo de Deus? O apóstolo Pedro nos avisa que a inveja não conhece a compaixão. Ela conduz à “malícia” e “murmuração”, e a malícia conduz ao “engano” pelo qual um homem tenta encobrir o que ele é, e o “fingimento” pela qual um homem pretende ser o que não é (1 Pe 2:1).

Esses santos Coríntios favoreciam a este espírito de emulação se juntando a certos professores dotados, e por seguirem e aceitarem estreitamente tudo o que eles diziam, não necessariamente porque era a verdade segundo a palavra de Deus, mas porque era promovido por um professor favorito. Um dizia: “Eu sou de Paulo”; o outro dizia: “Eu sou de Apolo”. Cada um buscava defender o seu professor favorito naturalmente conduzindo à contenda, e a contenda à divisões. Assim os homens eram seguidos, os indivíduos eram exaltados, e as divisões aconteciam. Duas maldades se seguiram: uma era o sectarismo, que deixava de lado a verdade da igreja, a outra o clericalismo, que deixava de lado Cristo como a Cabeça da igreja.

2. Instrução quanto ao serviço.

(Verso 5). Para corrigir este abuso dos dons, o apóstolo primeiro apresenta algumas verdades importantes quanto ao serviço e as diferentes formas que pode tomar.

Primeiro, o apóstolo pergunta: “Pois quem é Paulo, e quem é Apolo?”. Esses irmãos dotados, que a igreja dos Coríntios tinha estavam sendo exaltados à falsa posição de líderes de partidos, eram, afinal de tudo, apenas “ministros” pelos quais os Coríntios tinham crido.

Em segundo lugar, esses homens dotados mantinham a sua posição de servos, não segundo a nomeação do homem, mas “conforme o que o Senhor deu a cada um”.

(Verso 6). Em terceiro lugar, a esses servos não tinha sido dado o mesmo serviço. Como no campo, um planta e outro rega as plantas, mas apenas Deus pode fazer com que as plantas cresçam, portanto, no serviço ao Senhor, Paulo pode ser usado para obter conversões e Apolo pode ser usado para cuidar dos convertidos, mas apenas Deus pode dar a vida e o crescimento espiritual.

(Verso 7). Em quarto lugar, se é Deus que dá o crescimento, então os servos que os Coríntios estavam exaltando imprópriamente eram comparativamente muito insignificantes. Sem Deus eles não eram nada e o serviço deles era inútil.

(Verso 8). Em quinto lugar, embora obras diferentes possam ser dadas aos servos ainda assim eles “são um”. Por os constituírem líderes dos partidos a igreja dos Coríntios os colocavam um em oposição ao outro. Mas ninguém pode fazer sem o outro. Conquanto variados sejam os dons, como servos eles são um.

Em sexto lugar, embora um como servos, “cada um receberá o seu próprio galardão segundo o seu trabalho”. O galardão não será segundo a posição que o homem pode ter dado ao servo, nem segundo o que pensa o homem do seu serviço, mas segundo a estimativa de Deus das suas obras.

(Verso 9). Em sétimo lugar, somos lembrados de que os servos são “cooperadores de Deus”, palavras que não implicam que sejam trabalhadores juntamente com Deus, mas que colaboram sob a direção de Deus. Eles não são rivais, como os homens poderiam fazê-los, mas cooperadores.

Assim é o serviço dos obreiros; mas que tal os santos que são servidos? São eles seitas meramente feitas por homens, como os Coríntios estavam formando, para serem dominados por certos líderes dotados? A resposta de Paulo é que, ao em vez de serem seitas, que tomam o seu caráter de certos homens dotados como Paulo e Apolo, eles pertencem a Deus. Eles são a “lavoura de Deus” e o “edifício de Deus”. Primeiro, eles são vistos sob a figura de um campo no qual há fruto, ou crescimento, para Deus; em segundo lugar, são vistos como um templo no qual o Espírito de Deus vive e onde há luz para os homens. O Senhor em Seu ensino já conectou o fruto com o campo e a luz com a casa (Lc 8:15, 16). A verdade pela qual Paulo se opôs, e condenou as divisões durante aqueles primeiros dias é ainda a verdade que condena as divisões da cristandade em nossos dias. Se compreendermos que pertencemos a Deus, que somos a “lavoura de Deus” e o “edifício de Deus”, seguramente nos recusaremos ser chamados por qualquer nome sectário.

(Versos 10, 11). Os santos realmente pertencem a Deus. Sem embargo, os servos de Deus têm o seu serviço especial com relação ao povo de Deus segundo a graça especial dada por Deus. Do seu próprio serviço especial o apóstolo passa a falar, e então da responsabilidade de outros que o seguem no serviço. Paulo tinha sido usado para pôr o fundamento da igreja em Corinto em seu testemunho de Jesus Cristo. Ele pregou a Cristo, com a conseqüência de que uma companhia de pessoas foi levada a crer em Jesus. No poder e graça apostólica o fundamento tinha sido realmente posto – Cristo nas

almas dos crentes. Era a responsabilidade de outros servos que viriam depois edificar esses santos.

É importante lembrar que nesta passagem o “edifício de Deus” apresenta uma visão muito diferente da igreja daquela que é trazida diante de nós em Mateus 16:18, 1 Pedro 2:4, 5 e Efésios 2:20, 21. Nessas passagens a igreja é vista como um edifício contra o qual o poder de Satanás não pode prevalecer, um templo santo no qual nenhuma corrupção pode entrar, do qual o Construtor é Cristo, e com o qual nenhum trabalhador é mencionado. Aqui, embora a igreja seja mencionada como o edifício de Deus, os trabalhadores são empregados.

(Verso 12). A seguir, sobre a colocação da fundação pelo apóstolo Paulo, temos a possibilidade solene do colapso da responsabilidade daqueles que continuam construindo sobre a fundação por edificarem com material ruim. Um homem pode ensinar a doutrina sã, ou aquela que é inútil. Além disso, as figuras usadas, “ouro, prata e pedras preciosas”, podem sugerir que haja diferenças no valor das doutrinas ensinadas, assim como “madeira, feno, palha” podem sugerir que alguns erros sejam piores do que outros.

(Verso 13). A obra de cada um será provada pelo dia da provação. O dia considera a revelação de Cristo desde o céu em labareda de fogo (2 Ts 1:7, 8). Todas as coisas construídas com madeira, feno e palha não suportarão o fogo do juízo. As almas podem ser mantidas juntas durante algum tempo com a falsa doutrina, como vemos por todos os lados na cristandade, mas tal obra não suportará o fogo.

(Verso 14). O apóstolo faz uma distinção entre três classes de obreiros. Primeiro, ele fala do obreiro verdadeiro que faz o bom trabalho. Ele ensina a sã doutrina, pela qual os santos são edificados. A sua obra permanece, e ele mesmo receberá um galardão.

(Verso 15). Em segundo lugar, ele fala de um obreiro verdadeiro, mas cuja obra é má e por isso se queimou. Um construtor pode ver o seu edifício destruído pelo fogo, embora ele mesmo possa escapar. Portanto o dia de Cristo pode comprovar que um homem ensinou doutrinas que eram errôneas, e por isso a sua obra, com relação ao povo de Deus, foi inútil, embora ele mesmo esteja sobre o fundamento – um verdadeiro crente em Jesus. O tal será salvo, embora o seu trabalho seja destruído e ele perca a sua recompensa.

(Versos 16, 17). Em terceiro lugar, o apóstolo fala de um mau trabalhador e do mau trabalho. Somos lembrados de que a igreja de Deus, vista como um todo, é o templo de Deus no qual o Espírito de Deus habita. Não é simplesmente que há um povo convertido na terra, mas Deus tem a Sua casa ou templo. Devemos nos ver, não como indivíduos isolados, mas como fazendo parte da habitação de Deus sobre terra, e a santidade vem da casa de Deus. Assim se torna intensamente solene se alguém destrói ou corrompe a casa de Deus. Vimos que há aqueles que edificam o povo de Deus com a sã doutrina. Então há aqueles que apresentam visões incorretas da verdade, ou uma falsa interpretação da palavra. Finalmente, há o caso muito pior daquele que ensina as falsas doutrinas que destroem as verdades fundamentais de Deus e minam os fundamentos do cristianismo. O fato de que um homem pode ensinar tais doutrinas é uma prova segura de que ele mesmo não está no fundamento. Ele é um corrupto e será destruído assim como a sua obra. O efeito da sua obra é destruir o templo de Deus, e Deus o destrói.

Se as doutrinas ensinadas são boas, inúteis ou destrutivas, elas serão todas provadas. Muitas que estão à altura hoje naquele dia poderão ser consideradas inúteis ou, o que é pior, corruptas.

(Verso 18). Essas considerações solenes conduzem à advertência do apóstolo: “Ninguém se engane a si mesmo”. É possível, então, nos enganar de que o que está sendo ensinado é verdadeiro, quando, de fato, é inútil. A grande fonte do engano é a

tentativa de estar bem com o mundo procurando acomodar a cristandade à sabedoria deste mundo. O servo que apoiará a verdade deve estar contente por se tornar tolo aos olhos do mundo; então, de fato, ele terá a verdadeira sabedoria segundo Deus. Foi assim com o apóstolo, de quem o mundano Festo pode dizer: “Estás louco, Paulo; as muitas letras te fazem delirar” (At 26:24).

(Versos 19, 20). A sabedoria deste mundo diz respeito ao homem natural, e de vez em quando pode parecer muito atraente até para o cristão, como no caso dos santos Coríntios; sem embargo, ela é loucura para Deus. A própria sabedoria do mundo se torna a sua anulação, pois está escrito: “Ele apanha o sábio na sua própria astúcia”. A sabedoria deste mundo é a mera astúcia, que apanha com laço aqueles que se gloriam nela. O Senhor sabe que os “raciocínios” do sábio são vãos.

(Versos 21-23). Como cristãos, portanto, somos advertidos contra se gloriar nos homens. Fazer assim seria nos colocar na posição aparentemente falsa de pertencer àqueles em que nos gloriamos. Como cristãos não pertencemos a homens, mas todas as coisas nos pertencem no sentido de que somos colocados antes de tudo como pertencendo a Cristo. Os Coríntios se colocavam sob certos professores como se pertencessem a diferentes homens dotados. Não, diz o apóstolo, todos eles pertencem a vocês. O mundo com todo o seu poder, a vida com todas as suas mudanças, a morte com os seus terrores, até mesmo tudo o que possa acontecer no dom ou no futuro, está colocado sob o cristão porque ele pertence a Cristo, e Cristo é de Deus. Deus está acima de todos, Cristo é de Deus, somos de Cristo, e todas as coisas são nossas.

1 CORÍNTIOS 4

A instrução em 1 Coríntios 3 tem o serviço, ou a “obra”, mais especialmente em vista. (Ver versos 8, 13, 14 e 15.) O ensino em 1 Coríntios 4 refere-se mais definitivamente ao ministro. Os crentes coríntios andavam como os homens (1 Co 3:3), e por essa razão fazendo muito do homem comum e do homem do mundo. Estando acostumados ao mundo em torno deles com as escolas de opinião sob a liderança de diferentes filósofos, foram tentados, de forma semelhante, a formar partidos diferentes sob a liderança de homens dotados na igreja de Deus. Para corrigir essas idéias mundanas e práticas incorretas, o apóstolo coloca diante de nós a verdade quanto aos ministros de Cristo em relação a Cristo e ao mundo.

(Verso 1). A igreja dos coríntios tinha procurado fazer dos irmãos dotados líderes de partidos. O apóstolo os lembra que, apesar de serem os centros da reunião do povo de Deus, estes homens dotados eram na verdade “ministros”, por isso nos lembra das próprias palavras do nosso Senhor: “Aquele que quiser entre vós fazer-se grande seja vosso serviçal; e, qualquer que entre vós quiser ser o primeiro, seja vosso servo” (Mt 20:26, 27). Além disso, embora tomassem o lugar de ministros, não eram ministros de partidos, mas “ministros de Cristo”. A palavra usada para “ministro”, ou “servo”, nesta passagem implica, nos é dito, em “um servo indicado”. Paulo e os seus co-obreiros eram ministros pela indicação de Cristo. Isto é importante, pois Aquele que indica é Aquele a quem temem e a quem o ministro terá que responder. No cristianismo, como está estabelecido na Escritura, o verdadeiro ministro, sendo “ministro de Cristo”, é liberto do temor de homens e por essa razão é capaz de anunciar a plena verdade com grande clareza de retórica.

Além disso, os ministros de Cristo são os “despenseiros dos mistérios de Deus”, não os mistérios profanos relacionados ao mundo bárbaro pelo qual os coríntios estavam rodeados, mas as verdades preciosas de Deus, mantidas em secreto durante os dias do Velho Testamento, expostas em conexão com Cristo na glória, reveladas pelo Espírito Santo aos apóstolos, e recebidas pelos crentes. Como ministros de Cristo eram servos Daquele que o mundo tinha rejeitado, e como despenseiros dos mistérios de Deus eram os mordomos das coisas que o mundo, como tal, possivelmente não podia compreender. Conseqüentemente nem os ministros de Cristo nem os despenseiros dos mistérios de Deus possivelmente podem ser populares para o mundo.

(Verso 2). O apóstolo passa a mostrar que a grande característica requerida em uma mordomia não é a inteligência, nem a eloquência, nem a popularidade, mas a “fidelidade”. Isto está de acordo com o próprio ensinamento do Senhor, quando falou: “Qual é, pois, o mordomo fiel e prudente” (Lc 12:42). Mais tarde, quando perto do seu fim, o apóstolo pode escrever a Timóteo: “E o que de mim, entre muitas testemunhas, ouviste, confia-o a homens fiéis” (2 Tm 2:2). Nós, assim como os santos coríntios, às vezes podemos avaliar os ministros pelo seu conhecimento ou pelos seus dons; mas o valor espiritual à vista de Deus é medido pela fidelidade deles.

(Versos 3-5). Ademais, a fidelidade é em relação Àquele que indica. Por isso o apóstolo pode dizer: “Todavia, a mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós, ou por algum juízo humano”. Ele não diz que o julgamento deles não importa, mas que é de pouca importância. Nem ele confia em seu próprio julgamento de si mesmo. Ele não está consciente de algum motivo incorreto em si mesmo, mas isto não o justificará de toda infidelidade diante do Senhor, que conhece os conselhos secretos do coração, e por

isso pode sozinho estimar a medida da fidelidade em cada um dos Seus ministros. Isto não será conhecido “até que o Senhor venha”. Por isso o verdadeiro ministro não olha, ou dá grande valor, para a aprovação dos homens. Quão freqüentemente nas mesmas coisas nas quais os santos nos louvam podemos encontrar a obra da carne em algum motivo egoísta pelo qual temos que julgar a nós mesmos diante do Senhor. Por isso, não devemos julgar antes do tempo. Tanto a condenação como o louvor dos homens podem estar igualmente errados. Na vinda do Senhor a mordomia do ministro será avaliada em seu verdadeiro valor. “Então cada um receberá de Deus o louvor”. Isto dificilmente implica que todo homem será louvado, mas que todo homem que for louvado será louvado por Deus. Os homens julgam pela aparência exterior; o Senhor leva em conta “as coisas ocultas das trevas” e “os desígnios dos corações”. Quanto que um ato que agora tem a aparência de grande fidelidade pode então ser descoberto ter sido incitado por algum motivo indigno!

É bom observar que, quando o apóstolo nos exorta a “não julgar antes do tempo”, ele não está falando das palavras ou ações dos ministros, mas dos seus motivos ocultos. O apóstolo, nesta mesma epístola, muito definitivamente julga, e condena muitas coisas que esses crentes coríntios estavam tanto dizendo como fazendo. Outras Escrituras mostram claramente que na questão da comunhão, da conduta e da doutrina, os ministros dotados, em comum com todos os santos, são receptivos à disciplina da igreja, e que a igreja é responsável em julgar tais questões.

Infelizmente, não temos que admitir que essas exortações foram completamente deixadas de lado nos grandes sistemas humanos da cristandade onde os ministros, em vez de serem indicados por Cristo, são indicados por homens ou escolhidos por uma congregação? O resultado tem sido que os mistérios de Deus foram quase que completamente negligenciados, e a maioria dos ministros têm sido mais cuidadosos em conservar a popularidade para com os homens do que manter a fidelidade a Cristo.

(Verso 6). Esses princípios quanto ao serviço e a fidelidade o apóstolo tinha aplicado a ele e a Apolo para expor o abuso dos irmãos dotados no meio deles sem na verdade mencionar qualquer nome, evitando assim todo comentário deselegante. Ele não queria que pensássemos dos homens além daquilo que está escrito na palavra do Deus, e assim evita exaltar um homem acima do outro.

(Verso 7). Daqueles que poderiam estar buscando uma posição inadequada entre os santos, ele pergunta: “Quem te diferencia?”. Se, por causa de um dom, o ministro de alguma maneira se diferenciava de outros, ele não tinha nada que não tivesse recebido. Se era um dom, era dado e não adquirido por mérito. Onde, então, estava a razão para jactar-se? A menos que esteja perto do Senhor e fortalecido na Sua graça, quão débil é o mais dotado ministro! A menos que a carne esteja julgada pela Cruz, e o Espírito não agravado, conforme o ensinamento de 1 Coríntios 1 e 2, o ministro, ao em vez de usar o seu dom em fidelidade ao Senhor e para abençoar o Seu povo, está em perigo constante de buscar usá-lo para se exaltar.

(Verso 8). Para expor a loucura daqueles que procuravam se exaltar por causa dos seus dons, o apóstolo delineia um contraste entre a atual porção da igreja dos Coríntios e a porção futura do ministro fiel no dia do Senhor, do qual esteve falando. O “já” do verso 8 está em contraste com o “então” do verso 5. Os crentes coríntios buscavam o louvor dos homens “já” no tempo e lugar de rejeição de Cristo. O ministro fiel terá o louvor de Deus “então” no dia da glória de Cristo. Eles tinham procurado usar a cristandade para se enriquecerem e reinarem como reis; mas, diz o apóstolo, é “sem nós”. Ele desejava que o tempo de reinar viesse, mas ainda estamos no mundo no qual Cristo tem sido rejeitado, e pelo qual Ele foi pregado a uma Cruz; evidentemente, então, não é nem tempo nem lugar dos seguidores de Cristo reinarem como reis. A cristandade

caiu neste laço dos coríntios, pois de todas as formas os cristãos professos buscam o favor do mundo, tentam dirigir o seu curso e ganhar o seu aplauso.

(Verso 9). O seguidor fiel de Cristo não buscará nem obterá o poder ou louvor neste mundo. A sua porção será a do sofrimento e reprovação “por amor de Cristo”, como exemplificado na vida dos apóstolos, tão comovedoramente colocado diante de nós nos versos que seguem. Quanto ao que concerne a este mundo, a porção dos apóstolos era mais como aquela das infelizes criaturas que eram marcadas para morrer e eram guardadas para a última cena nos grandes espetáculos romanos. Os espectadores não são simplesmente a audiência de feriado de um anfiteatro, mas o mundo, os anjos e os homens. Bem, na verdade, para nos lembrar de que a igreja é o livro de instrução “dos principados e potestades nos lugares celestiais” (Ef 3:10).

Quando lemos esses versos, aprendemos como o mundo viu esses fiéis seguidores de Cristo, as circunstâncias de tentação pelas quais passaram, e a forma pela qual o mundo os tratou.

(Verso 10). O mundo os viu como “loucos” e “fracos”, e conseqüentemente os desprezou. Mas estavam contentes por serem considerados loucos “por amor de Cristo”. Infelizmente, muito freqüentemente, como os crentes em Corinto, podemos ser tentados a usar o nosso conhecimento de Cristo para parecermos sábios aos olhos do mundo, e obtermos o poder e a honra no mundo.

(Versos 11-13). Quanto às circunstâncias, os Coríntios eram “fartos” e “ricos” (verso 8), mas esses apóstolos dedicados tiveram de enfrentar a “fome e a sede”. Às vezes estavam nus e eram esbofeteados pelas tempestades da vida. Eles tiveram que vagar “sem pousada certa”, e se afadigar, trabalhando com as suas próprias mãos para satisfazerem as suas necessidades. Quanto ao tratamento que receberam do mundo, eram “injurados”, “perseguidos” e “blasfemados”. Sem embargo, o tratamento que receberam serviu apenas para arrancar deles um testemunho de Cristo, visto que quando injuriados, abençoaram, quando perseguidos, pacientemente se submeteram, e quando insultados, rogaram.

Quanto ao que concerne a este mundo, o apóstolo tratou toda a sua glória como perda e escória (Fp 3:8), enquanto o mundo, do seu lado, tratou os apóstolos como lixo e escória de todos. Como de forma abençoada esses ministros seguiram nos passos do seu Mestre, e, em parte, compartilharam dos Seus sofrimentos nas mãos dos homens. Segundo a Sua perfeita estimativa da fidelidade deles, terão o Seu louvor e compartilharão da Sua glória naquele dia por vir.

(Versos 14-16). Esta descrição maravilhosa do poder da cristandade, como mostrada nos apóstolos, deve ter envergonhado os Coríntios, como, de fato, envergonha a todos nós. Sem embargo, o apóstolo não escreve para envergonhá-los como inimigos, mas para avisá-los como filhos amados na fé. Eles podem ter dez mil instrutores, mas um pai em Cristo, por isso os admoesta a serem imitadores do pai deles.

(Verso 17). Para que possam ser os seus imitadores, o apóstolo enviou a Timóteo para lembrá-los dos seus “caminhos em Cristo”. Se ele deseja que imitemos a ele mesmo, é apenas naquilo em que os seus caminhos estão em Cristo, assim como de forma abençoada foi trazido diante de nós na conta que acaba de dar da vida dos ministros fiéis. De Timóteo também pode dizer que ele comprovou ser “fiel no Senhor”. Além disso, Timóteo testemunharia que “os caminhos em Cristo” do apóstolo eram os mesmos em cada igreja. Os homens introduziram em seus sistemas auto-constituídos caminhos segundo as suas próprias idéias. Para aquele que se curva à Escritura não há nenhum outro caminho além daquele que o apóstolo ensinou “por toda a parte em cada igreja”.

(Versos 18-21). Infelizmente, antes assim como agora “alguns andam inchados” e inteiramente indiferentes ao ensinamento inspirado do apóstolo. Quanto a isso o apóstolo indica que a verdadeira prova de espiritualidade não está no discurso, mas no poder da vida. Quanto ao que concerne ao discurso, o apóstolo tem que nos advertir um pouco depois que podemos falar como um anjo e, contudo, não sermos nada. O reino de Deus não é meramente constituído pelas nossas palavras, mas no que somos como manifestado pelo poder espiritual (1 Co 2:4, 5). O apóstolo pergunta como irá até eles? Será com uma vara para punir, ou em amor e espírito de mansidão para edificar? Podemos muito bem perguntar, como ele viria à cristandade de hoje; como ele viria a nós?

1 CORÍNTIOS 5.

Em 1 Coríntios 3 e 4 o apóstolo tratou com as lutas e divisões que existiam na igreja em Corinto. Na seguinte seção da sua Epístola, compreendendo 1 Coríntios 5 a 7, ele trata do grande tema da santidade. Em 1 Coríntios 5 ele fala mais especialmente da santidade coletiva, em 1 Coríntios 6 da santidade individual, e em 1 Coríntios 7 da santidade nas relações familiares. Ele mostra que a santidade coletiva deve ser mantida tirado o fermento velho de dentro da igreja e tirando uma pessoa iníqua dentre os santos, para que a santidade individual seja mantida pelo auto-julgamento, e a santidade familiar pelo uso correto dos relacionamentos estabelecidos por Deus.

O apóstolo já lembrara estes santos de que eles são o templo de Deus, e já disse: “O Espírito de Deus habita em vós”. Ele então acrescenta: “O templo de Deus, que sois vós, é santo” (1 Co 3:16, 17). A presença de Deus é intolerante à iniquidade, e exige a santidade. Qualquer que seja a forma que a casa do Deus possa tomar, se um material de construção como nos dias do Velho Testamento, ou um edifício espiritual composto de crentes, o primeiro grande e imutável princípio da casa de Deus é a santidade. Como lemos: “A santidade convém à tua casa, Senhor, para sempre” (Sl 93:5). Ezequiel coloca a santidade como o primeiro grande princípio da casa de Deus. “Esta é a lei da casa: Sobre o cume do monte todo o seu contorno em redor será santíssimo; eis que esta é a lei da casa” (Ez 43: 12).

(Verso 1). A carnalidade destes crentes não era vista apenas em que se arranjaram sob certos professores favoritos, por essa razão fazendo divisões, mas, além disso, era manifestada em extrema frouxidão moral. Eles estavam rodeados pela imundície do paganismo, do qual acabavam de emergir, e tinham sido usados para pensar de forma leve nos pecados grosseiros. Sem embargo, entre eles tinha ocorrido um caso de iniquidade de um caráter tão grosseiro que teria envergonhado até um gentio.

(Verso 2). Além disso, não houve apenas esta iniquidade grosseira no meio deles, mas houve a tolerância ao iníquo. Na verdade estavam inchados ao em vez de entristecidos. É verdade que não tinham recebido nenhuma direção apostólica de como tratar com o ofensor, mas os instintos espirituais pelo menos deveriam tê-los levado a se humilharem pelo pecado desta pessoa iníqua e desejarem a sua retirada. Assim aprendemos que, à parte de instruções distintas envolvendo responsabilidades definidas, há a sensibilidade moral da nova natureza que deve nos levar a tomar certo curso. Casos podem surgir quando o curso de um homem se torna um exercício tal que os santos desejam a sua retirada do meio deles, embora não tenham nenhuma base clara para a ação. Em tais casos esta Escritura claramente indica que podemos expor o assunto diante do Senhor e lamentar diante Dele, com a certeza da Sua intervenção na remoção do aborrecimento. O Senhor, em tal caso, faz o que nós mesmos deveríamos fazer quando o caso é claro. Pode ser bom observar nesta conexão, que “tirado” no verso 2 e “tirai” no verso 13 são palavras semelhantes no original. Como alguém disse: “A humilhação e a oração são o recurso daqueles que sentem um erro, e ainda não conhecem o remédio”.

(Versos 3-5). O apóstolo passa a dar-lhes direções definidas de como atuar em um caso comprovado de iniquidade pública. Ele estava ausente em corpo, mas dom em espírito, e já tinha julgado como se dom, que quando reunidos, segundo as direções dadas pela autoridade apostólica, e com o poder do Senhor Jesus Cristo, atuassem em nome do Senhor Jesus Cristo, entregando “o que tal ato praticou a Satanás para destruição da carne, para que o espírito seja salvo no dia do Senhor Jesus”. É bom notar cuidadosamente essas direções e o que elas envolvem.

“Juntos vós” supõe a igreja em sua condição normal, composta de todos os santos na localidade, atuando no espírito que energizou o apóstolo, e o poder do Senhor Jesus com eles. Reunidos então poderiam atuar como representantes do Senhor Jesus Cristo para entregar o tal a Satanás. Isto também supõe que fora da igreja há o mundo dominado por Satanás. O ofensor tinha comportado-se de tal modo que comprovava-se inapropriado para a presença do Senhor, por isso foi entregue à esfera de Satanás – fora da igreja. Mesmo assim, ele não foi visto como um incrédulo, pois era para a destruição da carne, para que o seu espírito pudesse ser salvo no dia do Senhor Jesus.

Hoje isto não pode ser feito como quando as coisas eram normais. Não podemos entregar a tal pessoa a Satanás, pois na ruína da cristandade nenhum grupo pode dizer que fora da sua assembléia há apenas o mundo de Satanás; e nenhum grupo pode reivindicar incluir todos os santos em uma localidade. Sem embargo, a injunção no fim do capítulo ainda permanece: “Tirai pois dentre vós a esse iníquo”. O resultado pode, na realidade, ser que a pessoa iníqua venha sob o poder de Satanás, aprender a julgar a carne nela mesma o que não conseguiu fazer quando estava no lugar do poder de Cristo.

(Verso 6-8). O apóstolo passa a mostrar o solene resultado da insensibilidade moral que permitiu a iniquidade não julgada no meio deles. A iniquidade é apresentada sob a figura do fermento. Como um pouco de fermento permeia toda a massa, assim a iniquidade conhecida e não julgada em qualquer igreja cristã afetará todo o grupo. Toda a massa fermentada não implica que todo o grupo se torne incestuoso como o malfeitor, mas que todos se tornam sujos. Nada mais claramente condena o falso princípio do que o pecado conhecido na igreja concernente a apenas um culpado diretamente e que não envolve a todos. Não é, portanto, suficiente tirar a pessoa iníqua; eles devem julgar a si mesmos pela condição baixa que pode tolerar complacentemente a iniquidade. Assim eles tirariam o fermento velho e seriam na prática o que eram na posição perante Deus em Cristo, uma massa sem fermento como o resultado da obra de Cristo.

Somos, por essa razão, exortados a guardar a festa, não com o fermento velho da indiferença para pecar, nem com o fermento da iniquidade e da malícia, mas com sinceridade e verdade. Quando o apóstolo diz: “Pelo que façamos festa”, ele não está se referindo exclusivamente à ceia do Senhor, mas antes a todo o período de vida do crente na terra, a qual a festa dos asmos é um tipo.

(Verso 9-13). Nos versos que seguem, o apóstolo mostra que, na exortação dos cristãos para exercerem a santa disciplina e viver uma vida de sinceridade e verdade, está se referindo ao círculo cristão. Estendê-lo tanto ao homem como ao mundo seria irreal e impossível. Se, contudo, alguém “dizendo-se irmão” estiver vivendo no pecado evidente e não julgado, não devemos nos associar a ele, ou mostrar qualquer comunhão com ele por comer uma refeição com ele. Não é o negócio do cristão tentar colocar em ordem o mundo julgando a sua iniquidade. Isto Deus fará em Seu próprio tempo. A nossa responsabilidade é de julgar qualquer iniquidade que possa se manifestar no meio cristão. “Tirai pois”, diz o apóstolo, “dentre vós a esse iníquo”.

1 CORÍNTIOS 6.

(Verso 1). Tendo tratado com a imoralidade não julgada no meio deles, o apóstolo agora expõe a inconsistência de cristãos que recorrem à justiça diante de tribunais mundanos para acertar disputas entre irmãos em coisas que pertencem a esta vida. Em linguagem clara ele reprova qualquer irmão, que tem uma questão contra outro irmão, que ousa buscar um acordo legal através dos “injustos”, em vez de apelar aos santos. Ao falar do tribunal do mundo como o dos “injustos”, ele está vendo os homens deste mundo em relação a Deus.

(Verso 2). Para mostrar a inconsistência deste procedimento, o apóstolo pede a eles que examinem as suas ações à luz do mundo por vir. Eles sabem que naquele dia os santos se associarão a Cristo quando Ele governar sobre o mundo e os anjos. Quão inconsistente é, então, buscar o juízo daqueles que iremos julgar.

(Versos 3, 4). Além disso, ele mostra a futilidade de apelar para o mundo, visto que se os santos irão julgar o mundo e os anjos, devem ser seguramente capazes de adjudicar em assuntos comparativamente pequenos da vida diária. Sendo assim, se as questões que pertencem a esta vida surgirem entre irmãos, os menos estimados na igreja são capazes de ajustá-las, quando elas não pedem nenhuma grande espiritualidade ou dom, mas antes o senso comum e a honestidade.

(Versos 5, 6). Se o apóstolo tem que falar assim, é realmente para a vergonha deles, pois por recorrerem à justiça diante do mundo parecem comprovar que, apesar de todo o conhecimento e dons dos quais se orgulham, não há entre eles um homem sábio capaz de acertar estas pequenas questões, e por isso o irmão vai à justiça contra outro irmão, e isso diante de incrédulos. É evidente que o apóstolo está falando de questões que não precisam ser trazidas diante da igreja, já que elas podem ser acertadas por “um homem sábio”.

(Versos 7, 8). Tendo condenado este procedimento mundano, o apóstolo agora trata com o baixo estado moral que levou a tais práticas. Quão freqüentemente por trás de práticas incorretas existe um espírito incorreto e a ignorância de princípios divinos. Eles não estavam evidentemente preparados para assumirem o dano, ou sofrerem o dano, por causa de Cristo. Pelo contrário, ao irem à justiça um contra o outro fizeram o dano e como resultado defraudaram um ao outro. Onde, então, estavam a paciência e o sofrimento por fazerem o bem? Como alguém disse: “Eles não ficaram atrás em nenhum dom, e não avançaram em nenhuma graça”, e novamente, “Se eu puder manter o caráter de Cristo, prefiro antes fazer isso que preservar minha capa” (J.N. Darby). Podemos mostrar muito temperamento e sentimento forte quando supomos que alguém está nos passando pra trás, e assim comprovar que estamos mais prontos para perder o caráter de Cristo do que perder o nosso dinheiro.

(Versos 9-11). O apóstolo prossegue para falar dos erros que provocaram os acordos legais. Ele dá uma descrição solene do mal em sua corrupção, mais propriamente do que em sua violência, o qual era excessivo em Corinto, mas que não tem lugar algum no reino de Deus. Tendo dado esta lista terrível das corrupções da carne, ele diz: “É o que alguns têm sido”. A maravilhosa graça que pode nos tirar do lugar mais baixo da degradação em terras distantes e nos associar a Cristo no lugar mais alto da glória na casa do Pai! Tendo vivido em tais condições, estes santos estavam especialmente em perigo de escorregarem para os velhos hábitos a menos que se mantivessem apegados a Cristo.

Por mais triste que fosse a maldade que tinha que ser tratada, o apóstolo ainda pode dizer: “Mas haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados”. Ao dizer que eles são lavados, é evidente que o apóstolo não está se

referindo à necessidade constante da aplicação da palavra para remover todas as poluições diárias que nos impedem de tocar a Cristo, e que é mostrada em figura pela lavagem dos pés. Ele se refere antes à obra do Espírito no novo nascimento, que é feita uma vez por todas, e pela qual é comunicada uma nova natureza que evita a sujeira da carne.

A santificação nos leva além, pois, se pela lavagem fomos colocados à parte da sujeira da carne, pela santificação somos colocados à parte para Deus. Outras Escrituras, tais como João 17:19 e 1 Tessalonicenses 5:23, falam da santificação progressiva pela qual o crente se torna cada vez mais devoto aos interesses de Deus. Aqui, contudo, é a absoluta colocação à parte do crente, de quem lemos em Hebreus 10:10: “Na qual vontade temos sido santificados pela oblação do corpo de Jesus Cristo, *feita uma vez*”. A pedra, quando uma vez cortar da pedreira, é colocada à parte dela para sempre, embora posteriormente possa ser trabalhada e esculpida para torná-la mais ajustada ao propósito do projetista. Pela justificação a alma foi limpa de toda a carga perante Deus através da obra de Cristo. Pelo Espírito Santo essas grandes verdades são bem elaboradas em nossa alma.

(Versos 12-20). Como temos uma nova natureza, fomos colocados à parte para Deus, e justificados da culpa dos nossos pecados, o apóstolo, nos versos restantes do capítulo, nos lembra que o nosso corpo é para o Senhor. Por um lado, portanto, vamos tomar cuidado de usá-lo para a satisfação da carne; por outro, vamos usá-lo para a glória de Deus (verso 20).

“Todas as coisas” (e aqui ele fala de coisas certas – a comida e as relações naturais) são lícitas para o cristão, mas ainda assim temos que ter cuidado, pois, embora tudo possa ser lícito, de modo algum quer dizer que todas as coisas são convenientes. Há o perigo de que ao usarmos as coisas certas podemos nos colocar sob o poder delas. O apóstolo se refere especialmente aos alimentos. Como os alimentos são necessários para o corpo e são naturalmente convenientes um ao outro, estamos na liberdade de usar os alimentos. É possível, contudo, usar os alimentos e o corpo para a auto-indulgência e se tornar um glutão.

O apóstolo então passa a falar daquilo que não é lícito para o corpo – o pecado de fato. Aqui somos lembrados de que o corpo é para o Senhor, e o Senhor para o corpo. Ele nos lembra, também, que este corpo é destinado à elevada honra, pois já que Deus ressuscitou o Senhor, assim Ele também ressuscitará este corpo pelo Seu próprio poder. Além disso, os nossos corpos são os membros de Cristo, e aquele que se junta ao Senhor é um Espírito. O apóstolo aprendeu algo sobre esta grande verdade em sua conversão, pois o Senhor lhe disse: “Por que Me persegues?”. Tocar os corpos dos santos era tocar Cristo. Quão solene é todo pecado, mas como especialmente solene é pecar contra o corpo que é habitado pelo Espírito Santo e pertence a Deus, e que é nosso privilégio e responsabilidade usá-lo para a glória de Deus. Para imprimir sobre nós a profunda importância da santidade, o apóstolo nos lembra no decorrer do capítulo que fomos lavados, santificados e justificados, e, além disso, que o nosso corpo é para o Senhor, unido ao Senhor, habitado pelo Espírito Santo, pertence a Deus, e deve ser usado para a glória de Deus; e, também, o Senhor é para o corpo, e Deus o ressuscitará pelo Seu poder.

1 CORÍNTIOS 7.

(Versos 1, 2). Tendo exortado os santos a manter a santidade na igreja (1 Co 5) e a santidade individual (1 Co 6), o apóstolo agora nos instrui para mantermos a santidade nas relações naturais da vida. O cristianismo de modo nenhum deixa de lado a ordem da natureza, embora corrija os abusos pelos quais o homem caído pode ter corrompido estes relacionamentos. Todo homem está na liberdade de ter sua própria esposa, e toda mulher seu próprio marido, e de fato esta é a forma legítima de evitar a tentação e a profanidade. A pretensão espúria a mais alta espiritualidade insistindo no ascetismo é assim completamente condenada.

(Versos 3-5). O apóstolo dá o seu conselho àqueles no estado de casado. O relacionamento deve estar ocupado com a devida consideração de um para com o outro como dependendo mutuamente um do outro.

(Versos 6-9). Ao dizer: “Cada um tenha a sua própria mulher, e cada uma tenha o seu próprio marido” (verso 2), ele tem o cuidado de explicar que não está dando uma ordem, mas fala como que consentindo com o estado de casado. O seu próprio desejo é que todos devam ser como ele mesmo, livre destes relacionamentos. Mas reconhece que não é dom de Deus que todos permaneçam solteiros, e onde não é dom “melhor casar-se”.

(Versos 10, 11). Ao casado ele dá, não simplesmente o seu conselho, mas o parecer direto do Senhor. A esposa não deve se apartar do marido. Se ela tiver sido separada, deve permanecer solteira, ou ser reconciliada com o seu marido. Não deixe o marido colocar de lado sua esposa.

(Versos 12-17). O apóstolo então levanta a difícil posição de um irmão com uma esposa descrente, ou da mulher com um marido descrente. Aqui ele dá o seu conselho. Isso não contempla por um momento o caso de um crente que se casa com um descrente, o que é claramente contrário à mente do Senhor (2 Co 6:14). Este é o caso do casamento misto, onde uma das partes foi convertida depois do casamento. Neste caso o crente não é contaminado pela união com o descrente. Ao contrário o descrente é santificado e os filhos santos. Aqui a santificação e a santidade não significam uma condição espiritual que os coloca no relacionamento com Deus, mas antes que através do crente o relacionamento é limpo e pertencente a Deus, para que o crente possa continuar nele. Se, contudo, o descrente partir, o crente está livre da servidão de estar preso a um descrente e não deve levantar nenhuma disputa com aquele que partiu, pois somos chamados para a paz. Isso não dá ao crente nenhuma licença para quebrar o laço se apartando do descrente, nem concede permissão ao crente abandonado de se casar novamente. Até que o crente se separe do descrente, o irmão ou irmã deve permanecer a todo preço no relacionamento, contando com Deus para a salvação do descrente. Haverá assim submissão ao que o Senhor permitiu, e um andar de acordo com a Sua vontade. Esta também, nos é lembrado, é a ordem para todas as assembléias; assim a independência eclesiástica é excluída. As assembléias não são companhias independentes, cada qual deixada livre para adotar as suas próprias práticas. A palavra do Deus ainda é o nosso único guia, e as assembléias que andam na luz da palavra estarão unidas na submissão às suas instruções.

(Versos 18, 19). O apóstolo falou do chamamento de Deus que veio a um crente quando ligado a um descrente. Ele agora fala do chamamento que vem a um crente quando circuncidado ou incircuncidado. Sabemos que o treinamento judaico conduziu alguns a estabelecer um grande valor ao rito da circuncisão, chegando até mesmo a dizer que à parte da circuncisão os crentes gentios não podiam ser salvos (At 15: 1). Aqui o apóstolo afirma que, para o cristão, nem a circuncisão nem a incircuncisão são

de nenhum valor. A obediência à palavra de Deus é de valor em Sua visão, não as meras distinções religiosas na carne.

(Versos 20-24). Então o apóstolo prossegue para falar do chamamento de Deus que chega aos crentes em diferentes posições sociais. Mais uma vez aprendemos que, tanto a circuncisão com a incircuncisão não tem nada a ver com o nosso chamamento como cristãos, portanto a posição social como um escravo ou um homem livre não tem nada a ver com o chamamento cristão. Como uma regra geral, portanto, deixe cada homem permanecer na posição na qual ele é chamado. Ele não tem que se preocupar quanto a ser um servo. Se, contudo, ele puder se tornar livre, tanto melhor. Em todo caso deixe o servo cristão se lembrar de que é um homem livre do Senhor, e o homem livre que é servo de Cristo. Ambos foram comprados por um preço, e Aquele que nos comprou pelo preço do Seu sangue precioso tem a primeira reivindicação sobre nós. Assim, enquanto somos exortados a permanecer em nosso chamamento, como servos ou livres, isso deve ser “diante do Deus”. Isso seguramente indica que, embora possa ser certo permanecer um servo, não seria certo continuar em algum negócio desonesto no qual seria impossível estar “diante do Deus”.

(Versos 25-34). O apóstolo falou àqueles chamados para o relacionamento no casamento; agora ele dá o seu conselho ao solteiro. Por causa da condição do mundo em todas as suas aflições e necessidades, e que o tempo se abrevia, e que o choro e a alegria irão logo se acabar – pois a moda deste mundo está passando – ele julga que é bom para um cristão estar livre de laços terrenos. Isso, contudo, não significa que se um homem está ligado a uma esposa deve procurar estar livre, mas se está livre seria melhor permanecer assim. Sem embargo, os cristãos que entram para o estado de casado não fazem errado, mas terão preocupação na carne e acréscimo em seus cuidados. O apóstolo, tanto quanto possível, queria que estivéssemos sem cuidado, para que pudéssemos servir concentradamente ao Senhor. Naturalmente, e um tanto justamente, os casados procuram agradar um ao outro, ao passo que os solteiros estão mais livres para servirem ao Senhor concentradamente em espírito e no corpo.

(Versos 35-40). Em assim dizendo o apóstolo tem o nosso proveito em vista. Ele não tem nenhum desejo de lançar um laço diante de nós que possa nos conduzir ao engano de sermos monges ou freiras, o qual levou a tanta corrupção uma grande parte da cristandade professa. Ele deixa todos livres para se casar, e acrescenta uma palavra quanto à viúva, sobre quem pode surgir uma questão, se ela é livre para se casar – contanto que seja “no Senhor”. Mas ele julga que tem a mente do Senhor em pensar que ela seria mais feliz permanecendo livre.

1 CORÍNTIOS 8.

Nos capítulos 8, 9 e 10 o apóstolo firmemente mantém a liberdade individual, enquanto solenemente adverte contra o abuso dela. Em 1 Coríntios 8 somos advertidos contra a utilização da liberdade de uma forma que possa fazer *tropeçar nosso irmão*; em 1 Coríntios 9 o servo é advertido da possibilidade de usar a liberdade para *sua própria condenação*; em 1 Coríntios 10 somos advertidos contra a utilização da liberdade de forma que podemos *comprometer a nosso comunhão*, e ofender a judeus, gentios e a igreja de Deus.

(Versos 1-3). No capítulo 8 de 1 Coríntios o apóstolo abre este importante tema colocando diante de nós o perigo de converter a liberdade individual em licença para atuar na vontade própria sem considerar o efeito dos nossos atos sobre outros. Por isso é possível que a liberdade de um cristão se torne numa ocasião para fazer tropeçar seu irmão. O apóstolo aproveita a sua advertência referindo-se à questão do comer carnes oferecidas a ídolos. Os indivíduos crentes em Corinto, sabendo que um ídolo não era nada, podiam se sentir pessoalmente bastante livres para entrar no templo do ídolo e comer carnes oferecidas aos ídolos. Mas isso levanta a questão: Seria direito assim fazê-lo se isso fizesse um irmão tropeçar? O apóstolo primeiro mostra que essa é uma das perguntas importantes que não podem ser respondidas pelo mero *conhecimento*, mas pode muito rapidamente ser decidida pelo amor. Isso é de primeira importância, pois embora o princípio aqui seja aplicado a uma questão particular sobre o comer coisas sacrificadas a ídolos, ele tem uma larga aplicação. Em nossos dias não deveríamos neste país enfrentar a questão de comer carnes oferecidas a ídolos, embora muitas outras questões possam surgir – por exemplo, a questão do cristão fumar. Alguns procurariam decidir tal questão pelo conhecimento que pensa apenas nos efeitos perigosos que isso pode ter sobre o corpo, mas o melhor modo de decidir tal questão é pelo amor, que pergunta: “Que efeito isso terá sobre meu irmão?” O conhecimento ocupa-me com a coisa em questão – os seus méritos ou os deméritos – mas o amor pensa em meu irmão.

Isto leva o apóstolo a fazer algumas observações importantes sobre o *conhecimento* e o *amor*. Primeiro, ele diz: “Todos temos ciência”, na medida pelo menos. O conhecimento, contudo, não é bastante; precisamos também de amor. Há na natureza humana uma grande sede de conhecimento, mas se eu perseguir o conhecimento por causa da aquisição de conhecimento, isso somente me inchará, ao passo que o amor edificará meu irmão. Além disso, conhecemos somente em parte; por isso, confiar em nosso conhecimento *parcial* para decidir questões muitas vezes infelizmente nos conduzirá ao erro.

O amor pelo meu irmão, que pensa em seu bem, será uma forma certa e melhor de decidir questões que podem de outra forma apenas ministrar a si mesmo e a presunção.

Mas como deve esse amor a meu irmão ser mantido em atividade? Somente pelo amor a Deus, como o apóstolo João nos diz: “Todo aquele que ama ao que o gerou também ama ao que dele é nascido” (1 Jo 5:1). Assim nesta passagem o apóstolo fala do amor a Deus, e nos lembra que se um homem ama a Deus compreende que simplesmente não conhece a Deus em alguma pequena medida, mas que é conhecido de Deus. A consciência de que Deus me conhece, e tudo o que fiz, não deixa nenhuma brecha para o orgulho que seria inchado pelo mero conhecimento.

(Versos 4-6). Além disso, a questão do comer carnes oferecidas a ídolos leva o apóstolo a extrair um breve, mas importante contraste entre os ídolos e o Deus verdadeiro. Primeiro, ele diz que nós os cristãos sabemos que um ídolo não é nada, e que não há nenhum outro Deus senão um. O homem caído imagina muitos deuses e muitos senhores no céu e na terra; mas para nós cristãos há apenas “um Deus, o Pai” e

“um Senhor, Jesus Cristo”. Aqui não é uma questão de trazer diante de nós a Deidade de Cristo, mas de como Deus se agradou em revelar a Si mesmo, e o lugar em que as Pessoas divinas se mantêm nos caminhos da graça em direção aos homens. O Pai permanece na Divindade, e Deus é a fonte de tudo, em todos Nele. O Filho, embora não tenha deixado de ser Deus, se tornou carne, e, na Humanidade, tomou o lugar de Senhor. Assim Aquele que conhecemos como Jesus Cristo é um Senhor a quem devemos a lealdade e sujeição. Ele é tanto o Criador de todas as coisas como Aquele por quem fomos remidos.

(Versos 7-13). Tendo falado da diferença entre o amor e o conhecimento, e tendo trazido diante de nós o Deus verdadeiro, o apóstolo agora mostra que até mesmo entre os cristãos verdadeiros havia alguns que não tinham esse conhecimento pleno, e não estavam portanto capacitados, com o conhecimento parcial deles, para superarem os preconceitos profundamente arraigados pelo treinamento gentio deles com respeito a ídolos. Eles não estavam aparentemente seguros de que os ídolos não eram nada, e as carnes oferecidas a eles não eram diferentes de outras carnes. Por isso comer das carnes oferecidas a ídolos poderia levar a uma consciência fraca e contaminada. Além disso, se este tal visse um irmão comer sacrifícios a ídolos, isso poderia se tornar uma pedra de tropeço para ele, e o encorajaria a fazer algo que daria a ele uma consciência fraca, levando-o ao naufrágio da fé e a começar num caminho que terminaria na morte. Isso não levanta a questão da possibilidade de um crente perecer, pois o próprio Senhor diz: “E dou-lhes a vida eterna, e nunca hão de perecer, e ninguém as arrebatará da Minha mão” (Jo 10:28). Em uma passagem o crente é visto pelo ângulo do Senhor; em outra do homem. Podemos falhar em nossa responsabilidade, e fazer aquilo que, no que nos diz respeito, causaria que nosso irmão percesse. Em assim atuando, não apenas faríamos pecar nosso irmão por quem Cristo morreu, mas nós pecaríamos contra Cristo. O apóstolo conclui, portanto, que o amor pelo meu irmão me levaria a não comer carne, se, por comer, meu irmão tropeçasse.

1 CORÍNTIOS 9.

Tendo no capítulo anterior mantido a liberdade do crente no uso das carnes, e advertido contra o abuso delas, o apóstolo neste capítulo prossegue para falar da liberdade e dos direitos dos servos do Senhor, e mais uma vez adverte contra qualquer abuso destes privilégios. Mas, enquanto estabelece os direitos dos servos do Senhor em tais questões, ele estabelece o princípio importante de que tais direitos são subservientes aos interesses de Cristo e do Seu povo, e não para a glorificação de si mesmo ou a indulgência do corpo.

(Versos 1, 2). Sabemos da Segunda Epístola que alguns estavam questionando o apostolado de Paulo, por isso ele abre esta porção da sua carta resumidamente afirmando o seu apostolado, bem como a sua liberdade. Ele tinha a marca evidente de um apóstolo, pois tinha visto “Jesus Cristo Senhor nosso”. Além disso, como os coríntios poderiam ter alguma dúvida quanto ao seu apostolado, pois eles não eram o selo e prova dele, já que a existência deles como uma igreja era o resultado da sua “obra no Senhor”? Havia aqueles que, em seu ciúme do apóstolo, estavam prontos para sugerir que ele pregava por motivos interesseiros, procurando lucrar com o seu serviço (2 Co 11:9-12). O apóstolo responde a tais sugestões, primeiro, afirmando os direitos do servo (versos 3-14) e, em segundo lugar, mostrando a forma pela qual tinha usado esses direitos (versos 15-27).

(Versos 3-7). Quanto aos direitos do servo do Senhor, Paulo, em comum com outros apóstolos, tinha o perfeito direito de participar das mercês ordinárias da vida dom, o direito de comer e beber, o direito de levar uma irmã como esposa, o direito de deixar de trabalhar com as suas próprias mãos. Além disso, tinha o direito de receber ajuda nas “coisas carnis” em troca do seu ministério nas “coisas espirituais”. Para que isso que é tão natural e de senso comum se mostrasse, pois, pergunta o apóstolo: “Quem jamais milita à sua própria custa? Quem planta a vinha e não come do seu fruto? Ou quem apascenta o gado e não se alimenta do leite do gado?”.

(Versos 8-11). Além disso, não apenas a natureza, mas a Escritura afirma esses direitos: “Porque na lei de Moisés está escrito: Não atarás a boca ao boi que trilha o grão. Porventura tem Deus cuidado dos bois?”. Falando assim Deus não está pensando somente nos bois. Por nossa causa está escrito para nos ensinar que, se o lavrador e o debulhador se beneficiam dos seus trabalhos, portanto os servos do Senhor, se tiverem semeado “coisas espirituais”, têm o perfeito direito de receber em troca as “coisas carnis”.

(Verso 12). Se outros se beneficiaram deste direito de tomar das suas coisas carnis, quanto mais poderia o apóstolo, que tinha servido a eles tão fielmente? Se ele se absteve de tomar das suas coisas carnis, não era prova de que não era apóstolo, nem de que não tinha nenhum direito de receber deles, mas antes que ele julgou que, no caso deles, os interesses do Evangelho de Cristo seriam melhores servidos pelo seu sofrimento “suportando tudo”, e não tomando das “coisas carnis” deles. Em seu serviço o apóstolo não foi governado pelo pensamento no lucro, mas pelos interesses de Cristo e Seu Evangelho.

(Versos 13, 14). Sem embargo, os direitos do servo permaneceram, segundo o ensino típico do serviço com relação ao templo e o seu altar. Acima de tudo, o apóstolo afirma que esses direitos são segundo aquilo que o Senhor ordenou: “Aos que anunciam o evangelho, que vivam do evangelho”. Se isso era natural (verso 7), ou Escritural

(versos 9, 10), ou ordenança direta do Senhor (versos 13, 14), todos concordam na manutenção dos direitos de alguém que ao ministrar as coisas espirituais receba as carnis dos santos.

(Verso 15). Tendo cuidadosamente afirmado os direitos do servo, o apóstolo, nos versos restantes do capítulo, mostra como ele pessoalmente tinha usado os seus direitos na igreja em Corinto. Ele os tinha convertido em uma ocasião para se sacrificar pelos interesses de Cristo e Seu Evangelho. Como alguém disse: “Este privilégio é completamente transformado em Suas mãos em outro tipo de privilégio; que é o privilégio do sacrifício de si mesmo por Cristo e pelo Seu serviço”. Ele abriu mão de um privilégio para gozar de outro mais alto. Ele pode dizer assim: “De nenhuma dessas coisas usei”. Nem escreveu esta carta para buscar deles qualquer ajuda nas coisas temporais. Ele não receberia ajuda deles e por essa razão permitiria a qualquer homem tornar vã a sua glória neste aspecto.

(Versos 16, 17). Se, contudo, ele fala de se gloriar, ao mesmo tempo tem cuidado para afirmar que não estava procurando glorificar-se porque pregou o Evangelho, mas o fez muito livremente. Uma dispensação tinha sido confiada a ele para pregar, e, se o fez de modo tão voluntário ou não, era o responsável de executar a obra confiada a ele. A sua recompensa não seria por fazer a obra designada a ele, mas por fazê-la de modo voluntário.

(Verso 18). O que, então, era a sua recompensa? Esta – que na pregação do Evangelho ele abandonou os seus direitos, para que o Evangelho pudesse ser “*sem carga*”. Ele não usou os seus direitos como pertencendo a ele, para serem usados segundo a sua própria vontade, sem respeitar às direções do Senhor. Seria bom observar que a palavra “abusar”, usada nesta passagem e também em 1 Co 7:31, tem em nenhum dos casos o significado com a qual geralmente usamos a palavra. A força da palavra é “usar quando alguém tem a posse de uma coisa”, ou uma pessoa “que a utiliza como gosta, como sua própria” (J.N.D.). O apóstolo foi enviado pelo Senhor para pregar, e foi ordenado pelo Senhor para que tivesse o direito de ser sustentado. Ele, contudo, não usou deste direito como se fosse uma possessão que pudesse usar como quisesse. Ele pensou em Cristo e em Sua glória, e assim usou, ou se absteve de usar, este direito segundo julgou que tinha a mente do Senhor na realização do seu serviço de uma forma que fosse a melhor para a glória de Cristo.

(Versos 19-23). Assim, inteiramente livre de todos, ele usou da sua liberdade para se tornar servo de todos. Pregando aos judeus ele pode encontrá-los em seu próprio fundamento, adaptar-se aos modos de pensar deles, e evitar ferir os seus escrúpulos. Com aqueles debaixo da lei ele pode apelar a eles entrando em todos os seus exercícios como alguém debaixo da lei, embora fosse cuidadoso em acrescentar: “não estando eu mesmo debaixo da lei”. Quanto àqueles sem lei, ele pode apelar a eles em seu fundamento, embora novamente se guarde dizendo que “não estava sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo”. Para o fraco ele pode se tornar como um fraco. Ele foi feito todas as coisas para todos os homens, para que pudesse salvar por todos os meios alguns. Além disso, ele atuou assim por causa do evangelho, o qual ele personifica quando diz: “Para ser também participante dele”.

(Versos 24-27). Assim em sua fala não deve ser inferido que o apóstolo se acomodou ao mundo para evitar a reprovação e poupar a carne. Para afastar qualquer concepção tão errônea, o apóstolo mostra nos versos finais que o caminho do serviço é de autonegação. Há, de fato, uma recompensa para o serviço muito melhor do que o prêmio a ser obtido nos jogos do mundo; neste eles correm por uma coroa corruptível, mas o cristão por uma incorrutível. Sem embargo, se para obter uma coroa terrestre é necessária uma vida moderada, quanto mais necessária deve ser a moderação em todas

as coisas para obter a coroa incorrutível. O apóstolo correu com nenhuma incerteza quanto ao final glorioso da caminhada. O conflito para ele não era mera futilidade, como batendo no ar. Ele foi cuidadoso em não satisfazer o corpo, mas antes em mantê-lo em sujeição, para que este não pudesse ser nenhum estorvo para ele em seu serviço. Os santos em Corinto se gloriavam em seus dons e buscavam o seu bem-estar (1 Co 4:6-8). Vamos ter o cuidado de pregar sem a prática, pois o apóstolo nos adverte que é possível pregar e ainda assim ser um réprobo. Sabemos que o crente nunca perecerá, e o apóstolo não diz que é possível nascer de novo, ou ser convertido, e ser reprovado. A pregação a outros não é tudo. Primeiro devemos ser um cristão e então um pregador, se chamados pelo Senhor.

1 CORÍNTIOS 10 - 11: 1

No décimo capítulo o apóstolo primeiramente nos adverte de que é possível ser um cristão professo por ter parte nas ordenanças cristãs e, contudo, perecer. Ele então nos dá o verdadeiro significado do cálice e do pão, os quais compartilhamos na Ceia do Senhor, e encerra nos advertindo contra o uso da nossa liberdade individual de uma forma que comprometeria a comunhão cristã ou ofenderia aos judeus, aos gentios ou a igreja de Deus.

(Versos 1-5). O apóstolo já advertiu os *pregadores* que é possível pregar e ficarem reprovados; agora ele adverte os *professos* que é possível ser batizado e participar da Ceia do Senhor e ainda perecerem. Ele não diz que podemos ter parte na morte de Cristo e perecer, mas que é possível ter parte nos símbolos da Sua morte e perecer. Ele assim expõe o laço, no qual a grande massa da cristandade caiu, de fazer um sistema sacramental no qual se torna a salvação dependente de se ter parte no batismo e na Ceia do Senhor. Para ilustrar este fato solene, o apóstolo se refere à história de Israel. Ele nos lembra de que toda a Israel foi batizada em Moisés na nuvem e no mar, e que todos comeram do maná e participaram da água que fluía da rocha, coisas que em figura falavam de Cristo. No entanto, da “maior parte deles” Deus não se agradou, e foram prostrados no deserto.

(Versos 6-11). Agora, diz o apóstolo, essas coisas aconteceram como exemplos. Evidentemente elas anunciam em tipo o rito inicial do cristianismo – o batismo – bem como o rito contínuo da Ceia do Senhor. Por mais importante que sejam esses ritos, eles não comunicam vida aos participantes. Alias, é possível participar deles, e ainda viver de uma forma que se invoque o desprazer de Deus. Os participantes podem por isso eles mesmos comprovar serem meros professos e no final perecerem.

Para nos advertir contra este perigo, o apóstolo nos lembra das maldades nas quais caíram muitos em Israel, com a intenção de que não devemos agir como eles. Primeiro, eles cobiçaram as coisas más deste mundo e se cansaram da provisão celestial (Nm 11:4-6). Em segundo lugar, ao se renderem a essas concupiscências, eles permitiram que as coisas visíveis e sensíveis entrassem entre suas almas e Deus, caíram na idolatria, e se entregaram à satisfação das suas concupiscências; “O povo assentou-se para comer e beber, e levantou-se para folgar” (Ex 32:1-6). Em terceiro lugar, tendo se voltado contra Deus, eles caíram em pecados grosseiros em aliança profana com o mundo, e foram para baixo do julgamento de Deus (Nm 25:1-9). Em quarto lugar, esta aliança profana com o mundo destruiu todo o sentimento da presença do Senhor. Eles tentaram o Senhor para que comprovasse Sua presença dizendo: “Está o Senhor no meio de nós, ou não?” (Ex 17:7). Esse falar contra Deus levou a uma prova solene da Sua presença pelo Seu procedimento em julgamento (Nm 21:5, 6). Em quinto lugar, murmuraram contra os caminhos de Deus para com eles e caíram debaixo do poder dos seus inimigos (Nm 14:2-4, 45).

A ordem na qual essas maldades são colocadas é evidentemente moral e não histórica. A concupiscência encabeça a lista, visto que como o apóstolo Tiago nos diz: “Havendo a concupiscência concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, sendo consumado, gera a morte” (Tg 1:15). Ela conduz à idolatria, pois aquilo que cobiçamos depois se torna um ídolo entre a alma e Deus. Então, através do ídolo, uma aliança profana é formada com o mundo, que por sua vez destrói todo o sentimento da presença de Deus com o Seu povo, e conduz a murmuração ou rebelião contra os caminhos de Deus pelos quais Ele pode punir os homens por causa dos seus maus caminhos.

Essas maldades trouxeram o julgamento de Deus sobre os israelitas. “Eles foram derrotados”; “caíram”; “foram destruídos pelas serpentes”; foram “destruídos pelo

destruidor”. Além disso, as coisas que aconteceram a eles são tipos para nós, nos advertindo para não agirmos como eles agiram, para que embora participemos dos rituais cristãos não demos passagem para a concupiscência e caiamos no poder do pecado e de Satanás e morramos.

(Versos 12-14). O apóstolo, em palavras inquisitivas, passa a aplicar esses avisos à confissão cristã. Ele nos adverte contra a autoconfiança natural da carne; “Aquele, pois, que cuida estar em pé, olhe não caia”. Não vamos pensar que, porque participamos da Ceia, estamos a salvo de cair nos pecados mais grosseiros. Mas, somos lembrados, Deus é a nossa fonte. As tentações que vêm sobre nós são comuns para o homem, e Deus nunca permite sermos tentado sem dar uma forma de escape, embora, alias, possamos negligenciar a forma. “Portanto”, diz o apóstolo, “fugi da idolatria”. Evite todo que incita a concupiscência, que entra entre a alma e Deus, e leva a uma queda exterior.

(Versos 15-17). Tendo nos avisado contra o abuso das ordenanças cristãs, o apóstolo coloca diante de nós o verdadeiro significado dos símbolos, o cálice e o pão, na Ceia do Senhor. Para nós o cálice é um “cálice de bênção”, um símbolo do sangue de Cristo, que nos lembra da Sua morte, quando o sangue que nos limpa de todo pecado foi derramado na cruz. Para Ele foi um cálice de julgamento, mas o cálice que trouxe a Ele o julgamento assegura a bênção para nós. O cálice do julgamento de Cristo por essa razão se torna um cálice de bênção do crente. Por este cálice podemos abençoar, ou dar graças. Ao falar em abençoar o cálice, não há nenhuma idéia de uma consagração individual dos elementos segundo as idéias da cristandade corrupta. O apóstolo diz, “nós” abençoamos, “nós” partimos, e compartilhamos. É um ato de ação de graças no qual todos que compartilham têm a sua parte.

No partir do pão expressamos duas grandes verdades. Primeira, no pão partido – “o pão que partimos” – expomos a grande verdade de que temos parte na morte de Cristo, o Seu corpo dado por nós. Em segundo lugar, no pão não partido temos um símbolo do corpo místico de Cristo, que inclui todo verdadeiro crente, e, no partir de “um pão”, expomos a nossa identificação com o único corpo do qual Cristo é o Cabeça e todos os crentes membros. O “um pão” não apenas demonstra que aqueles que em qualquer tempo partiram o pão são um, nem que os crentes em qualquer determinada localidade são um, mas ele demonstra a unidade de todo o corpo que inclui todo verdadeiro crente.

(Versos 18-22). Tendo exposto o profundo significado do cálice e do pão, o apóstolo nos adverte contra ter alguma parte em comunhões humanas que são deixadas de lado, ou condenadas, pela morte de Cristo. Ele primeiro alude a Israel para expor o importante princípio de que, participando de um sacrifício, expressamos a comunhão com tudo o que ele estabelece. Isso o torna tão intensamente solene para um cristão quanto ter parte com algo que expresse a comunhão com ídolos. Os crentes coríntios sabiam que os próprios ídolos não eram nada, e as carnes oferecidas aos ídolos não eram diferentes de outras carnes; eles estavam, por isso, em perigo de argumentar que podiam freqüentar um templo bárbaro e comer carnes oferecidas a ídolos. Não, diz o apóstolo, vocês se esquecem de que as coisas que eles sacrificam a ídolos são na realidade sacrificadas a demônios, que são os instigadores desta adoração a ídolo. O ídolo, na verdade, podia ser uma mera inexistência, mas os demônios por trás deles eram muito reais, e ao conduzirem os homens a adorar ídolos os conduziam a adorar demônios, e assim usurpavam da homenagem devida apenas a Deus. Como, então, poderia o cristão, que por beber do cálice do Senhor que expressava a comunhão com o Senhor, com a Sua morte, e com o Seu povo, atrever-se a beber de um cálice que expressava a comunhão com demônios? Se nos assentarmos à mesa do Senhor, onde Ele preside, e

participarmos das bênçãos que Ele provê, como podemos tomar parte na maldade que os demônios podem prover para a satisfação da carne na mesa deles? O Senhor é certamente ciumento com receio de que os afetos do Seu povo se afastem Dele para outro. Pode um crente que se desviou do afeto do Senhor impune ignorar o Senhor? Somos mais fortes do que Ele? Vamos ter cuidado em provocar que o Senhor atue no procedimento governamental conosco, como Deus teve que fazer com Israel.

(Versos 23-11: 1). Tendo nos advertido contra toda comunhão idólatra, o apóstolo se depara com questões que podem surgir quanto ao comer carnes à parte do templo do ídolo. Dificuldades podem surgir nos mercados, ou nas festas em casas privadas, onde as carnes que foram oferecidas a ídolos podem ser vendidas ou servidas. Nestes casos que cada um lembrar-se de que, se todas as coisas forem lícitas, isso não significa que todas as coisas são convenientes, e que temos de considerar o que será para a edificação e vantagem de outros. Nos mercados, ou nas festas, não precisamos fazer nenhuma pergunta, pois podemos participar da comida como sendo do Senhor e de Sua provisão. Se, contudo, for sinalizado que as carnes foram sacrificadas a ídolos, então o cristão deve abster-se de comer por causa de um crente que tem uma consciência a respeito, e para se prevenir de que um incrédulo acuse os crentes de comerem carnes oferecidas aos mesmos ídolos que eles condenam.

No comer e beber, portanto, como em todo o resto que fazemos, devemos considerar, não simplesmente a nós mesmos e a nossa liberdade, mas “a glória de Deus”, e as consciências dos nossos irmãos, e por isso evitar ofender aos judeus, ou aos gentios, ou a igreja de Deus. Além disso, não devemos apenas evitar ofender a todos, mas devemos seguir o apóstolo, assim como ele agradou a todos os homens em todas as coisas, buscando não o seu próprio proveito, “mas o de muitos, para que possam se salvar”. E como ele procurou “agradar a todos”? Não, podemos estar seguros, associando-se com a maldade deles, mas por seguir a Cristo em toda a Sua humilde graça. O apóstolo pode assim concluir esta porção da sua epístola com a exortação: “Sede meus imitadores, como também eu de Cristo”.

1 CORÍNTIOS 11

Os capítulos 11 a 14 contêm instruções da mais profunda importância para o povo de Deus em todo o período cristão, já que eles contemplam os crentes quando reunidos em um lugar em qualquer localidade, e colocam diante de nós a ordem de Deus para tais reuniões.

Em meio à confusão da cristandade, na qual a ordem de Deus foi tão amplamente colocada de lado pela ordem humana, é de grande misericórdia que tenhamos um registro inspirado da mente de Deus para o Seu povo quando se reúne. A nossa recusa a toda associação com qualquer forma de reunião que coloca de lado a ordem de Deus, ainda é possível, seguindo as direções apostólicas, nos encontrando na obediência humilde à palavra de Deus, e por essa razão concordando com a simplicidade da ordem divina.

Uma referência a 1 Co 11:17, 18, 20, 33, 34 e 1 Co 14:23, 26, 28, 34, 35 tornará muito claro que esses capítulos contemplam o povo do Deus quando reunido em qualquer dada localidade.

Primeiro, em 1 Co 11:1-16 somos instruídos quanto à ordem de Deus na criação como uma introdução necessária para a ordem de Deus na igreja.

Em segundo lugar, em 1 Co 11:17-34 aprendemos que o próprio Senhor é o grande centro de reunião do Seu povo, e que o motivo mais elevado que pode reunir o povo de Deus é a lembrança Dele mesmo na celebração da ceia do Senhor. Somos instruídos quanto à condição e conduta apropriadas para esta santa ocasião.

Em terceiro lugar, em 1 Co 12 somos instruídos quanto à ação soberana do Espírito Santo na distribuição dos dons no corpo de Cristo, “repartindo a cada um como quer”, e que a nossa reunião é governada pelo grande fato de que os crentes são membros do corpo de Cristo, e o Espírito Santo é o poder para todo ministério.

Em quarto lugar, em 1 Co 13 aprendemos que o espírito que anima o corpo de Cristo é o amor, a fonte de todo ministério verdadeiro.

Em quinto lugar, em 1 Co 14 somos instruídos quanto ao exercício do ministério na igreja, para que todos possam estar em amor, para a edificação, e segundo a ordem divina.

A seguir das instruções na primeira parte da epístola que nos guiam quanto à nossa conduta individual, temos as instruções quanto à ordem de Deus na criação para nos colocar nas relações corretas uns com os outros como homens e mulheres, nos preparando assim para tomarmos corretamente o nosso lugar na relação de uns com os outros na igreja.

(Verso 2). Segundo a graça que se agrada em reconhecer tudo o que é de Deus nos santos, o apóstolo abre esta nova divisão da epístola com uma palavra de louvor. Embora houvesse muito na igreja para condenar, o apóstolo pelo menos pode louvá-los porque em todas as suas questões se lembraram dele, e guardaram as ordenanças, ou “preceitos”, entregues a eles.

(Verso 3). Com esta palavra de aprovação o apóstolo passa a dar direções que poderiam sugerir que outra grave desordem existia entre os crentes em Corinto. As mulheres estavam ao que parece saindo do seu lugar verdadeiro da sujeição, enquanto os homens estavam abandonando o seu lugar de autoridade.

Para corrigir esta desordem o apóstolo toma um caminho muitas vezes adotado na Escritura para ajustar questões. Para aprender os princípios envolvidos em qualquer questão ou dificuldade, somos levados de volta à primeira ocasião em que os princípios foram estabelecidos. Aqui, numa questão que surgiu quanto à posição relativa dos homens e mulheres, somos levados de volta para a primeira ordem estabelecida na

criação. É verdade que em Cristo – na nova criação – “não há servo nem livre; não há macho nem fêmea”. Na velha criação, assim como na igreja, essas distinções ainda existem. O cristianismo, por maior que sejam os privilégios comuns que ele confira, não deixa de lado a ordem da criação, e, enquanto nesses corpos mortais em uma cena onde essas diferenças existem, o cristão é responsável por cumprir esta ordem.

O apóstolo afirma, como a primeira grande verdade em relação à criação, que “a Cabeça de todo varão é Cristo”. Aqui não há nenhuma referência ao senhorio de Cristo em relação à igreja. Afirma-se que Cristo, tendo se tornado um Homem e entrado na cena da criação, necessariamente toma o lugar de preeminência e autoridade sobre o homem. Além disso, “a cabeça da mulher é o varão; e Deus a Cabeça de Cristo”. Esta última afirmação de forma alguma diminui a Deidade do Filho. Não é nenhuma questão nesta passagem do lugar de Cristo na Divindade, mas do lugar que Ele tomou na criação. Esta, então, é a ordem simples e bela da criação. A cabeça da mulher é o homem; a Cabeça do homem é Cristo; e a Cabeça de Cristo é Deus.

A fonte de toda ilegalidade, desordem e conseqüente miséria neste mundo dom pode ser rastreada até a queda, quando a mulher foi enganada em seu lugar de sujeição ao homem, e o homem falhou em seu lugar de autoridade sobre a mulher. Na ordem da criação tanto o homem como a mulher falharam; mas Cristo entrou na cena da criação, e com Ele não há, e não pode haver, nenhuma falha. Do começo ao fim do Seu maravilhoso caminho Ele foi o Homem perfeitamente sujeito, sempre fazendo a vontade de Deus, até à morte. Enquanto o homem caído encheu a cena de ilegalidade e miséria, a perfeição de Cristo trará a ordem e a bênção àqueles que se submeterem a Ele como Cabeça, e finalmente introduzirão os novos céus e a nova terra quando Deus será tudo em todos.

No círculo cristão a bênção da ordem da criação deveria ser desfrutada. Se a mulher estivesse em sujeição ao homem, e o homem exercesse a autoridade sobre a mulher, *como ele mesmo se sujeita a Cristo*, Aquele que, como Homem, é perfeitamente sujeito a Deus, haveria ordem em vez da confusão, e dependência de uns aos outros em vez da ilegalidade.

(Versos 4-6). O apóstolo passa a mostrar o encargo desta ordem da criação sobre os homens e mulheres cristãos. Ele se refere ao exercício da oração e profecia, nos quais, por um lado, falamos com Deus em nome de nós mesmo ou de outros, e, por outro lado, falamos aos homens em nome de Deus. Com relação ao orar ou profetizar ele fala da cabeça da mulher estar coberta como um sinal de sujeição, e a cabeça do homem descoberta como um sinal de autoridade. Se o homem orar ou profetizar com a sua cabeça coberta, ele desonra a si mesmo, pois professa ir a Deus em oração por outros, ou falar aos homens sobre Deus, e ao mesmo tempo abandona o lugar de autoridade que Deus lhe deu. Em tais circunstâncias pode ele admirar-se se nem Deus nem homem o escutem? Quanto à mulher, se ela ora ou profetizar com a sua cabeça descoberta, professa expressar o seu lugar de dependência de Deus, ou de vir de Deus, e ao mesmo tempo está abandonando o lugar de sujeição no qual Deus a colocou. Em ambos os casos eles desonraram a si mesmos, pois todo aquele que está fora do seu lugar está desonrado diante de Deus. A mulher descoberta está praticamente tomando o lugar de um homem que tem a sua cabeça raspada. O fato de que é uma vergonha para uma mulher ter a sua cabeça raspada em si mesmo deve ensinar-lhe estar coberta.

(Verso 7). O apóstolo então nos dá a razão da ordem da criação. O homem foi colocado na criação para exercer o domínio como o representante de Deus na terra, e, como tal, era sua responsabilidade manter a autoridade. Levando a cabo a sua responsabilidade ele glorificaria a Deus. A mulher, mantendo o seu lugar da sujeição, seria para a glória do homem.

(Versos 8-10). O apóstolo nos lembra que a mulher *veio* do homem e para o homem. Por causa disso a mulher deve usar sobre a sua cabeça aquilo que é o sinal de que há autoridade sobre ela, para que haja um testemunho dado, não apenas diante dos homens, mas diante dos anjos que são espectadores interessados na ordem de Deus na criação, bem como da sabedoria dos Seus caminhos na igreja. (Ver 1 Co 4:9; Ef 3:10.)

(Versos 11, 12). Sem embargo, esta questão de autoridade e sujeição na ordem da criação de jeito nenhum enfraquece o fato de que o homem e a mulher dependem um do outro, uma dependência mútua, contudo, esta deve ser aceita no Senhor. No mundo os homens e as mulheres estão lançando fora a sua lealdade a Deus, e por isso buscam cada vez mais serem independentes um do outro. No cristianismo somos conduzidos de volta à dependência do Senhor, e assim uns aos outros, e reconhecer que todas as coisas são de Deus. Como podemos ser independentes Daquele de quem temos a nossa origem?

(Versos 13-15). O apóstolo, tendo afirmado a ordem da criação, agora apela para a natureza, para nisso aprender o que é decente. Já que, em seu cabelo comprido, a mulher tem uma cobertura natural, a natureza indica o seu lugar da sujeição, e nos diz que uma mulher de cabelo comprido é uma bela mulher, enquanto uma mulher que corta o seu cabelo e imita o homem é menosprezada por todos. Do mesmo modo, o homem com o cabelo crescido traz vergonha sobre ele.

(Verso 16). Finalmente, o apóstolo pode apelar para o costume. Se algum homem for contencioso, ele está só em um juízo que é contrário ao costume das igrejas de Deus. Por essa razão até o costume, quando nenhum princípio é concedido, pode ser invocado para a manutenção da ordem. O desprezo ao costume pode indicar, como alguém disse, “nem a consciência nem a espiritualidade, mas um amor carnal de diferenciação dos outros, e no fundo vaidade absoluta”.

O apóstolo por essa razão falou do que é verdadeiro na criação (Versos 3-10), do que é direito “no Senhor” (Versos 11, 12), do que é descente segundo a natureza (Versos 13-15), e do que é permitido segundo o costume (Verso 16), para mostrar a verdadeira posição dos homens e das mulheres um em relação ao outro.

Na porção que segue, o apóstolo prossegue para falar da manutenção da ordem de Deus quando o Seu povo se reúne em assembléia, para a qual a ordem da criação nos preparou.

(Verso 17). Infelizmente, existia tão grave desordem na igreja em Corinto que a festa da lembrança, que deveria ter sido para a bênção deles, tinha se tornado numa ocasião para trazer o tratamento governamental de Deus sobre eles. O ajuntamento deles não era para o melhor, mas para o pior.

(Versos 18, 19). Em primeiro lugar, a reunião em assembléia, ao em vez de expressar a unidade deles, como membros de um corpo, conforme anunciado no único pão, apenas manifestava o espírito de divisão que existia entre eles. Havia divisões (ou “cismas”) entre eles, que estavam levando às heresias (ou “seitas”) que se formavam na igreja. As duas palavras são distintas, transmitindo idéias diferentes. A divisão, ou cisma (em grego *schisma*), é uma diferença de opinião, pensamento e sentimento existente dentro da igreja. Uma heresia (em grego *hairesis*) é uma seita, ou partido, formado entre os santos para manter uma opinião particular, ou seguir um professor escolhido. Em Corinto ao que parece existiam ambas dentro da igreja; mas a divisão ou a cisma interna, se não julgadas, levarão logo a uma heresia ou seita externa, ou até a uma ruptura completa da igreja em diferentes seitas. A condição da igreja tinha ao que parece se tornado tão má que Deus tinha permitido que essas divisões se desenvolvessem em seitas ou partidos, para fazer manifestos aqueles que apoiavam a verdade, aqui chamados de “sinceros”. A maldade tinha alcançado tal condição que não havia nenhuma outra forma de manter um testemunho da verdade. Foi necessário

permitir que a maldade se declarasse, para que a verdade pudesse ser manifesta. (Compare com Tito 3: 10, onde o herético deve ser rejeitado.)

(Versos 20-22). Quando se ajuntavam, era professadamente para comer a ceia do Senhor; praticamente era para se satisfazerem com uma festa para eles mesmos. O apóstolo diz: “Comendo, cada um toma *a sua própria ceia*”. A ceia foi instituída pelo Senhor no final da festa da páscoa. Os coríntios, aparentemente tomando isso como exemplo para eles, se ajuntavam para uma festa social preliminar, no fim da qual participavam da ceia do Senhor. Além disso, nessa festa preliminar era permitido que os pobres ficassem com fome, enquanto alguns bebiam em excesso. Mas, à parte desses excessos, a igreja não era lugar para festa social. “Não tendes porventura casas para comer e para beber?” Pergunta o apóstolo; ou era para envergonhar os pobres, e desprezar a igreja do Deus, que inclui rico e pobre? Pela segunda vez o apóstolo tem de dizer: “Não vos louvo”. Que eles se lembrassem do apóstolo e prestassem atenção às suas direções inspirava o seu louvor. Pois por suas divisões e abuso na ceia do Senhor ele só pode condená-los. Eles introduziram na igreja o elemento social que levou a distinções sociais e indulgência carnal. O ajuntamento deles era assim uma negação prática tanto da ceia do Senhor como da igreja de Deus.

(Verso 23). Para corrigir esses escândalos, o apóstolo apresenta a verdade sobre a ceia como instituída pelo Senhor e revelada a ele. Foi apontado que o apóstolo não teve nenhuma revelação especial quanto ao batismo, que é uma questão individual. Com a ceia se encontram todas as grandes verdades conectadas com o um corpo que foi especialmente dado a Paulo para tornar conhecido. Embora a ceia fosse dada aos doze, não foi deles que Paulo recebeu o seu conhecimento, mas pela revelação especial do Senhor para ser entregue aos crentes gentios. O apóstolo nos lembra das circunstâncias comovedoras nas quais o Senhor instituiu a ceia. Foi “na noite em que foi traído”. A mesma noite em que a maldade do homem se elevou ao ponto mais alto o amor desinteressado de Cristo foi mais abençoadamente exposto. Quando a concupiscência levou à traição, o amor instituiu a ceia.

(Versos 24, 25). Nenhum mistério rodeia esta festa tal como os homens se deleitam em se envolverem nele. Tudo é simplicidade. Ele é o simples, mas tocante, monumento da morte de Cristo. O pão fala do Seu corpo – Ele mesmo. O cálice fala do Seu sangue – a Sua obra. Os símbolos do corpo e do sangue são separados, falando de um Cristo morto. Tanto o pão como o cálice devem ser tomados, disse o Senhor, “em memória de Mim”. Isso dá à ceia o seu caráter distintivo; é uma ceia de lembrança, não uma celebração de algo que existe naquele momento, mas uma lembrança de algo no passado. Alguém disse: “A ceia do Senhor deve nos lembrar de Cristo, da Sua morte; não dos nossos pecados, mas dos nossos pecados cancelado e de nós mesmos amados”. O cálice é o novo concerto no sangue de Cristo; não o velho concerto selado com o sangue de touros e cabras, mas o novo concerto com todas as suas bênçãos asseguradas pelo sangue de Cristo, um concerto que torna Deus conhecido em graça, e no qual os pecados não são mais lembrados.

(Verso 26). Ao comermos e bebermos “anunciamos a morte do Senhor até que venha”, são palavras que reprovam aqueles que por algum motivo defendem o seu desuso. A festa nunca deve ser deixada de lado até que Ele venha.

(Verso 27). Tendo lembrado aos irmãos o verdadeiro caráter da ceia, o apóstolo volta aos escândalos que existiam no meio deles, e os adverte contra participar da ceia indignamente. Eles comiam indignamente já que tomavam a ceia sem julgar os seus procedimentos, e sem discernir aquilo que o pão e a cálice expressam – o corpo e o sangue do Senhor. Eles não discerniam entre uma refeição comum e aquilo que era um memorial do corpo do Senhor dado por nós e do Seu sangue vertido por nós.

(Versos 28, 29). Para corrigir os procedimentos indignos deles, o apóstolo os exorta a que cada um examine a si mesmo, e então coma. O exame, ou o auto-julgamento, de tudo o que é inconsistente com a morte de Cristo, é um ato individual. Tendo examinado a si mesmo, não se deve abster-se da ceia; ao contrário, a palavra é: “e assim coma”. Somos assim advertidos contra participarmos *indignamente*. No verso 29 a palavra “Senhor” deveria ser omitida. A referência é provavelmente ao corpo do qual todos os cristãos são membros, enquanto que no verso 27 está em vista o verdadeiro corpo do Senhor. Devemos nos lembrar de que as desordens em Corinto foram deixar de lado tanto a ceia do Senhor como a igreja (versos 20, 22).

(Versos 30-32). As desordens existentes entre os crentes coríntios tinham trazido a mão punidora do Senhor sobre a igreja. Como resultado direto dessa punição, muitos estavam fracos e doentes, e muitos dormiam. Eles foram retirados da igreja pela morte na terra. Isso leva o apóstolo a afirmar o princípio importante de que se julgarmos a nós mesmos não seremos julgados. Não é apenas os nossos procedimentos que temos de julgar, mas também a nós mesmo – os motivos secretos, os pensamentos, as afeições que formam a condição da alma. A recusa de julgar a nós mesmo, nos leva para debaixo da punição do Senhor. Mesmo assim, é a graça que nos pune no dom, e não nos condena como pecadores com o mundo no futuro.

No decorrer da epístola há um solene progresso nas advertências do apóstolo. Em 1 Co 8 somos advertidos contra o ferir a consciência dos nossos irmãos, e assim pecar contra Cristo (verso 12). Em 1 Co 9 somos advertidos para nos manter sob o corpo para que, tendo pregado a outros, não sejamos reprovados (verso 27). Em 1 Co 10 a advertência é para termos cuidado para que não irritarmos o Senhor (verso 22). É uma coisa solene ignorar a consciência de um irmão; pode ser uma coisa fatal irritar o Senhor. Assim alguns se achavam em Corinto, pois em 1 Co 11 lemos que o Senhor, sendo irritado, atua para a Sua própria glória, com a conseqüência de que muitos foram removidos pela morte.

(Versos 33, 34). É uma consideração solene que muitas das graves desordens em Corinto não existam na cristandade hoje, *não porque a ordem de Deus é seguida*, mas porque a cristandade alterou completamente o verdadeiro caráter da ceia e introduziu uma ordem inventada pelo homem. Em Corinto houve abusos escandalosos na verdadeira participação da ceia; sem embargo, eles não tinham perdido o seu significado ou tinham modificado o seu caráter. A cristandade de fato removeu alguns abusos grosseiros, mas perdeu o verdadeiro significado daquilo ao que os abusos estavam anexados. Má como era a maldade dos coríntios, esta da cristandade é muito pior. Ela converteu a ceia da lembrança em um meio da graça. A festa, da qual o Senhor pode dizer: “Fazei isso em memória de *Mim*”, é compartilhada na esperança de receber alguma bênção para *si mesmo*. A ceia que ministra ao Seu coração é tornada em ocasião para buscar graça para a nossa alma. Pior ainda, a ceia da lembrança para os santos foi convertida em uma ordenança de salvação para pecadores.

Além disso, enquanto a cristandade tem procurado corrigir o modo indigno de participar da ceia, ela admite à ceia o povo indigno. As igrejas nacionais não podem excluir da ceia o paroquiano não regenerado. O mundo está aberto para participar da ceia com o crente verdadeiro. Além disso, a cristandade não apenas alterou completamente o caráter da ceia, mas introduziu a sua própria ordem na observância dela. Em geral ninguém além de um oficial humanamente autorizado pode ministrar a ceia. É notável que na Epístola, que acima de todas as outras fala da ordem de Deus para a igreja, não há nenhuma menção de diáconos, anciãos ou bispos. No próprio capítulo que trata com as irregularidades grosseiras não há nenhuma sugestão de correção deles pela nomeação de um oficial para ministrar a ceia. O verdadeiro caráter

da ceia é dado, insiste-se na condição correta da alma, mas, na ministração dela, tudo é deixado à livre e irrestrita orientação do Espírito Santo. No capítulo seguinte somos instruídos quanto a esta manifestação do Espírito na igreja.

1 CORÍNTIOS 12

O apóstolo apresentou a Ceia do Senhor como a festa de ajuntamento da igreja. Agora ele traz diante de nós os dons do Espírito Santo, e a Sua presença na igreja, sem a qual nenhuma ordem divina pode ser mantida quando os santos se reúnem para participar da Ceia ou para o exercício do ministério.

Aprendemos desta passagem que a igreja é o corpo de Cristo, formado pelo Espírito, e que no corpo o Espírito Santo opera repartindo os dons para o bem do corpo a cada homem individualmente como Ele quer (verso 11), para ser usado sob a orientação do Espírito (verso 3). O apóstolo assim nos adverte contra a intrusão de maus espíritos e pretensão humana pela manutenção dos direitos do Espírito Santo na igreja de Deus.

(Versos 1-3). O capítulo começa nos dando as marcas verdadeiras de um ministério pelo Espírito de Deus, deste modo nos permitindo descobrir e recusar qualquer ministério que emana de um espírito falso. Chamados dentre os gentios, esses crentes coríntios tinham estado outrora sob a influência de espíritos falsos, e tinham sido levados a adorar ídolos mudos, e a amaldiçoar Jesus. Nenhum homem que fala pelo Espírito Santo seria levado a adorar ídolos, ou a depreciar Cristo. Pelo contrário, o Espírito Santo sempre o levará a confessar Jesus como Senhor.

O terceiro verso não é exatamente uma prova que nos permite distinguir entre crentes e incrédulos; antes ele nos dá uma forma de discernir se um homem está falando pelo Espírito de Deus ou por um espírito falso. Ter tal prova em um dia quando as revelações ainda eram dadas pelo Espírito Santo, e por isso quando o diabo procurava falsificar a revelação, foi de especial importância. (Ver 2 Ts 2:2.) A importância desta prova não cessou, embora a revelação esteja completa, pois somos advertidos de que nos últimos tempos alguns darão a atenção a espíritos enganadores, e, além disso, que haverá aqueles que, professando serem ministros de Cristo, são na verdade ministros de Satanás. Isso pode ser descoberto pela sua atitude para com Cristo. Alguém que deprecia a Cristo não é conduzido pelo Espírito de Deus. (Ver 1 Tm 4:1; 2 Co 11:13-15.)

Tendo nos preparado para discernir quando um homem está falando pelo Espírito de Deus, o apóstolo passa a nos instruir quanto ao poder e autoridade divinos para o exercício dos diferentes dons do ministério (versos 4, 5).

(Verso 4). Todo aquele que fala pelo Espírito Santo exaltará Cristo, mas o Espírito pode falar por muitos diferentes dons. Sem embargo, todos são exercidos na energia e no poder do *mesmo Espírito*.

(Verso 5). Ademais, vários dons são usados para levar a cabo as diferentes formas de serviços, mas é o *mesmo Senhor* que dirige todos os serviços.

(Verso 6). Em fim, o exercício dos dons nos diferentes serviços produzirá diferentes efeitos, ou “operações”, mas é o *mesmo Deus* que opera para produzir os resultados nas almas.

Assim aprendemos que os dons podem ser corretamente usados apenas na energia do Espírito, sob a direção do Senhor; e qualquer obra verdadeira nas almas é o resultado da operação de Deus.

Estes três versos, corretamente entendidos, irão repreender, e ao mesmo tempo corrigir, três graves desordens na cristandade. Primeira, geralmente é muito ensinado no mundo religioso que, para o exercício do dom, a capacidade natural, a sabedoria humana e o treinamento de um colégio teológico são necessidades preliminares. O apóstolo ensina que, para o exercício do dom na igreja de Deus, necessitamos daquilo que nenhuma escola de homens pode dar, e de nenhuma provisão de suprimento

humano. Necessitamos da presença e do poder do Espírito. Sob o Seu poder Ele pode, e usa “pescadores e ignorantes”, como Pedro e João, para ocuparem a elevada posição de apóstolos e virar o mundo de ponta cabeça, ou Ele pode usar um homem altamente educado como o apóstolo Paulo. O orgulho do homem é assim colocado de lado e tudo é feito para se voltar à presença e o poder do Espírito Santo.

Em segundo lugar, a cristandade exige que antes que um homem possa exercer o seu dom deve ser ordenado pelo homem e enviado por alguma autoridade humana para servir. O apóstolo insiste que o verdadeiro serviço precisa apenas da autoridade do Senhor.

Em terceiro lugar, os homens confiam muito basicamente para a obra com as almas na eloquência, no apelo comovente, na música, no cântico, e em outros métodos que apelam para os sentidos. O apóstolo nos diz que é “Deus que opera tudo em todos”. É Deus que opera *tudo* o que é divino em *todos* aqueles nos quais há uma obra. O apóstolo já lembrou a esses crentes que: “A minha palavra, e a minha pregação, não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração de Espírito e de poder; para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria dos homens, mas no *poder de Deus*” (1 Co 2:4, 5).

Assim aprendemos que *o poder* para o exercício dos dons não é do homem; é do Espírito Santo. *A autoridade* do serviço não é do homem; vem do Senhor. *O resultado* nas almas não é produzido pelo homem; é a operação de Deus.

(Verso 7). Tendo falado da fonte divina de todos os dons, o apóstolo agora nos instrui quanto à diferença dos dons e a sua distribuição (versos 7-11). Aprendemos que o Espírito não concentra todas as Suas manifestações em um homem, ou em uma classe de homens. As instruções repreendem uma maldade persistente da cristandade pela qual uma classe especial de homens é colocada à parte para o ministério, dividindo assim o povo de Deus em clero e leigo. A Escritura não conhece tal distinção. A cristandade, deixando de lado a ordem de Deus, praticamente diz que a manifestação do Espírito é dada a um homem que é ordenado para presidir uma congregação. Aqui é a “todo homem” que a manifestação do Espírito é dada.

Além disso, esta manifestação do Espírito é dada “para o que for útil”. É dada, não para que o indivíduo possa se exaltar, ou para obter um lugar proeminente entre o povo de Deus, ou ganhar a influência e vantagem pessoal, mas para o bem comum e lucro de todos. A instrução teve significado especial para os crentes coríntios que usavam os dons para a exaltação deles mesmos.

(Versos 8-10). O apóstolo passa a distinguir os diferentes dons. Ele está falando, não tanto da posse dos dons, mas da “manifestação”, ou uso, dos dons. Por isso ele fala, não meramente de sabedoria e ciência, mas de “*palavra* de sabedoria” e de “*palavra* de ciência”. A “palavra” implica na comunicação de sabedoria e ciência para ajudar a outros.

A sabedoria é a posse da mente de Deus, para que tudo seja visto como perante Deus, e em relação a Deus, permitindo ao seu possuidor atuar corretamente em qualquer circunstância em particular. O conhecimento é mais um entendimento inteligente da palavra revelada de Deus, para que a doutrina possa ser claramente colocada. A fé, nesta passagem, não é simplesmente a fé em Cristo e no Evangelho, a qual é comum a todos os crentes; antes ela é a fé especial dada a certos crentes que os capacita a ajudar a povo do Senhor, por se levantarem nas dificuldades, superando a oposição, e os guiando em sua perplexidade.

Os dons de cura eram dons de sinal relacionados ao nosso corpo. A operação de maravilhas, diferentemente do dom de cura, envolvia a exposição do poder sobre coisas materiais e seres espirituais. (Compare Mc 16:17, 18; At 13:11; At 16:18; At 28:5.)

A profecia era uma manifestação do poder espiritual no domínio espiritual, capacitando o seu possuidor de apresentar a mente de Deus quanto ao presente ou ao futuro. (Compare At 11:28; 1 Co 14:3.)

O discernimento de espíritos é um dom que, como alguém disse: “Significa a faculdade da decidir, não entre os verdadeiros e os falsos profetas do Senhor Jesus, mas entre o ensinamento do Espírito e aquele simulado por maus espíritos” (W.K.).

Os diversos tipos de línguas podem ser dados a um, e a interpretação das línguas a outro.

(Verso 11). Tendo estes diferentes dons colocados diante de nós, somos lembrados de que, enquanto alguns são miraculosos, todos são espirituais. “Um só e o mesmo Espírito opera todas estas coisas, repartindo particularmente a cada um como quer”. A ordem de Deus para a Sua igreja é a diversidade de dons, distribuídos a indivíduos diferentes, exercidos por uma vontade – o poder e a vontade do Espírito Santo. Toda a verdadeira ordem nas reuniões do povo de Deus é o resultado do próprio Deus operando no meio do Seu povo. A cristandade, através dos seus arranjos humanos, que ordenaram o ministério e prescreveram o ritual, ignora esta ordem na prática, se não na doutrina.

(Versos 12, 13). Das variadas manifestações do Espírito o apóstolo prossegue para falar da esfera na qual o Espírito atua. Isto leva a uma revelação muito abençoada da verdade sobre a igreja vista como o corpo de Cristo. Segundo a ordem de Deus, os crentes não exercem estes dons como indivíduos isolados, mas como os membros do corpo de Cristo e para o bem de todo o corpo. O apóstolo toma o corpo humano para ilustrar certas grandes verdades quanto ao corpo de Cristo. Como o corpo humano é um e, contudo, composto de muitos membros, todos tendo o seu lugar e parte naquele único corpo, “assim é Cristo também”. Esta é uma bela forma de apresentar a verdade. O objeto é a igreja, mas o apóstolo não diz: “assim é a igreja também”, mas “assim é Cristo também”. O corpo é o corpo de Cristo e inclui Cristo e os membros. É o Seu corpo para a expressão Dele mesmo. Isso está de acordo com a primeira verdade apresentada ao apóstolo em sua conversão, quando o Senhor pergunta: “Por que Me persegues?”. Tocar em Seu povo é tocar Nele, em Seu corpo.

É-nos dito então que a igreja é composta de crentes, sejam judeus ou gentios, batizados em um corpo pelo Espírito. Este batismo do Espírito, conforme sabemos de Atos 1:5 e Atos 2, teve lugar no Pentecostes, quando os crentes, pelo dom e habitação do Espírito Santo, foram unidos a Cristo o Cabeça no céu e uns aos outros.

Tendo apresentado a verdade sobre a igreja como o corpo de Cristo, o apóstolo, no resto do capítulo, usa as funções do corpo humano para estabelecer a prática que deve marcar o corpo de Cristo sobre a terra. Ele mostra que, assim como o corpo humano foi constituído para funcionar como um todo unido para excluir toda desordem, assim deveria ser na igreja.

(Versos 14-19). Primeiro, somos lembrados de que no corpo humano há *diversidade na unidade*. “O corpo não é um só membro, mas muitos”. Esta diversidade poderia ser completamente ignorada, e surgir a mais grave desordem, se cada membro negligenciasse a sua própria função pela inveja de membros que têm possivelmente uma função mais elevada. Se o pé começasse a se queixar que não era uma mão, ou o ouvido que não era um olho, a operação do corpo deixaria de funcionar, pois os membros que se queixam deixam de operar efetivamente para o bem do corpo. Tal desordem só pode ser evitada pelo reconhecimento de que é Deus, e não o homem, que “colocou os membros no corpo, cada um deles como quis”, dando a cada um o seu lugar e função marcados. A preeminência de um membro mataria o corpo. “Se todos fossem um só membro”, não haveria corpo.

(Versos 20-25). Em segundo lugar, o apóstolo mostra que há *unidade na diversidade*. Embora haja muitos membros há um só corpo. Mas esta unidade do corpo seria grandemente posta em perigo se os membros mais elevados tivessem que olhar com desdém os membros mais baixos. Já vimos que a inveja uns dos outros quebraria a diversidade; agora aprendemos que o desdém romperia a unidade. Se o olho trata a mão com desprezo, e a cabeça escarnecesse dos pés, toda a unidade do corpo teria ido. Mais uma vez, esta desordem só pode ser excluída pelo reconhecimento da presença e do poder de Deus, que dispôs todo o corpo de tal maneira que nenhum membro pode prescindir do outros membros.

O reconhecimento da primeira grande verdade, de que há diversidade na unidade, fecharia completamente o princípio mundano do clero, pois é evidente que em um corpo nenhum membro pode reivindicar a preeminência, todo membro tem a sua própria função.

O reconhecimento da segunda verdade, de que há unidade na diversidade, excluiria o princípio da independência. Os membros, embora cada um tenha a sua função especial, dependem uns dos outros. A verdade, então, do corpo de Cristo é que nenhum crente tem a preeminência e todos dependem uns dos outros.

(Verso 26). O resultado é que, se “se um membro padece, todos os membros padecem com ele; e, se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele”. A expressão disso é indubitavelmente muito impedida pelo estado de divisão da cristandade. Sem embargo, a verdade permanece de que os membros realmente afetam uns aos outros, quando são unidos uns aos outros pelo Espírito Santo, e aquele que depende do Espírito a sustenta, por mais que o nosso fracasso possa impedir a sua expressão. Quanto mais espiritual somos mais compreenderemos a verdade de que afetamos uns aos outros. A condição quebrada da igreja enfraqueceu a nossa sensibilidade espiritual, mas, como alguém disse: “Conscientemente sofremos ou nos alegamos, na medida do nosso poder espiritual”.

(Verso 27). O apóstolo esteve falando dos grandes princípios que são as verdades de toda igreja de Deus sobre a terra, a qual é vista como o corpo de Cristo. Ele agora aplica essas verdades à igreja local em Corinto. Ele diz: “Ora vós sois corpo de Cristo, e Seus membros em particular” (Almeida Revisada Imprensa Bíblica). Ele não diz: “Vós sois o corpo de Cristo”, como injustamente traduzido pela Almeida Revisada e Corrigida, mas, “vós sois corpo de Cristo”. A igreja em Corinto não era o corpo de Cristo, mas era a expressão local do corpo como sendo parte dele. Um general poderia dizer a alguns soldados em certa localidade: “Lembrem-se vocês são Guarda-Vidas”; ele não diz: “Vocês são os Guarda-Vidas”, pois eles não incluem todo o regimento; sem embargo, eles localmente representam o regimento.

Assim hoje ainda são privilégio e responsabilidade de todos os cristãos em qualquer localidade se reunirem simplesmente como os membros do corpo de Cristo sobre a terra, e como o representativo localmente deste único corpo. Pelo Espírito todo crente é membro do corpo de Cristo, e assim sendo é responsável por andar em coerência com essa grande verdade, recusando a associar-se com as seitas da cristandade que praticamente negam essa verdade. Na cristandade essa grande verdade é ignorada pelos cristãos que se reúnem em torno de algum devotado servo, ou por outros que formam uma união para manter alguma verdade particular. A única unidade formada pelo Espírito é a de um corpo de Cristo, e a única comunhão que a Escritura reconhece é a comunhão deste corpo.

Nos dias de hoje os fracos cristãos sinceros tentam ocasionar a união de cristãos estabelecendo uniões para oração, para pregar o Evangelho, para a obra missionária, e para a difusão de certas verdades como a santidade e a vinda do Senhor. Mas enquanto

muitos estão preparados para se juntarem a essas uniões feitas por homens, quão poucos deixarão as várias seitas formadas segundo a sabedoria e planos do homem, para andarem na luz da única unidade formada pelo Espírito e atuarem sob a orientação do Espírito. E, contudo, o Senhor não pede nada a mais. Ele não impõe sobre a nossa consciência uma variedade infinita de reuniões e uniões, para nos juntar, como foi indicado, seria completamente impraticável para a grande maioria dos cristãos. Nem o Senhor propõe que devemos deixar as diferentes seitas, e viajar para algum lugar distante, para nos reunir durante uma semana no ano, para expressar a nossa unidade em Cristo. Se fosse assim, nos seria pedido para fazer algo completamente impossível para a vasta maioria do povo de Deus.

Seguramente o que o Senhor procura é que o Seu povo, em sua própria localidade, possa deixar tudo o que é uma negação da verdade, e se reúna na verdade do único corpo do qual, se eles são crentes, já são membros. Alguém disse verdadeiramente: “O que o Senhor requer é possível que todos realizem, silenciosamente, e sem pompa, de forma verdadeira em seu caráter e em todas as ocasiões”. Tal caminho está aberto para o mais simples e o mais pobre do povo de Deus. É verdade que se alguns têm a fé dada por Deus para se reunirem em alguma localidade, na luz da verdade do único corpo, dificilmente poderia ser dito deles, como da igreja em Corinto: “Vós sois corpo de Cristo”, como sendo o representativo do corpo de Cristo, assim como nestes dias de fraqueza seria difícil encontrar alguma companhia de santos que incluía todos os crentes localmente. É, contudo, ainda possível para os crentes, que estão preparados a todo custo para andar em obediência à palavra, andarem juntos na luz do único corpo.

(Versos 28-30). Nos versos finais é trazido diante de nós o fato de que Deus colocou “na igreja” – isto é na igreja como um todo – diferentes dons. Na Epístola aos Efésios aprendemos que os dons são dados por Cristo o Cabeça ressurreto do corpo. Em Coríntios aprendemos que o Espírito Santo distribui os dons na igreja sobre a terra.

Alguns desses dons indubitavelmente foram para a inauguração da cristandade. Assim são os dons de sinal. Não há uma palavra que diga que eles continuariam por todo o período da igreja. É significativo que os dons que os homens cobiçam são colocados nos lugares mais baixos da escala.

(Verso 31). O dom é algo que podemos corretamente cobiçar. Sem embargo, como nós, assim como os crentes em Corinto, podemos facilmente abusar dos dons procurando usá-los para nos exaltar, nos é dito que há um modo mais excelente de servir uns aos outros. Deste caminho mais excelente o apóstolo passa a falar imediatamente.

1 CORÍNTIOS 13

No capítulo 13 o apóstolo mantém o direito soberano do Espírito Santo de distribuir os dons no corpo de Cristo “repartindo particularmente a cada um como quer”. Em 1 Coríntios 14 somos instruídos quanto ao exercício desses dons para a edificação. No capítulo intermediário somos lembrados que à parte do amor não pode haver nenhuma edificação. Na Epístola aos Efésios lemos que o corpo edifica “a si mesmo em amor”. O amor é o verdadeiro espírito de serviço. Como alguém disse: “Ele é o que incita, não simplesmente a trabalhar, mas a servir trabalhando”. Amai uns aos outros é o princípio que deve regular tudo na igreja.

O apóstolo, por isso, nos dá este belíssimo pequeno tratado do amor, no qual mostra, não o que somos, mas o que é o amor. Além disso, é o amor em sua natureza que é colocado diante de nós, não exatamente o amor em suas atividades. O amor é, e deve ser, ativo; mas aqui é o amor passivo que é apresentado, aquilo que o amor é, e não o que o amor faz.

O apóstolo falou de dons, e nos dons há graus, pois ele fala dos “melhores dons”. Devemos cobiçá-los; mas, mesmo assim, há “um caminho ainda mais excelente”. Podemos servir uns aos outros por meio do dom, mas o caminho mais excelente é o caminho do amor.

Primeiro, o apóstolo insiste no valor do amor (versos 1-3); em segundo lugar, ele coloca diante de nós a natureza do amor exposto em todas as suas belas qualidades (versos 4-7); finalmente, ele coloca diante de nós o caráter duradouro do amor como aquele que não falhará com o passar do tempo, nem desaparecerá na eternidade (versos 8-13).

1. O valor preeminente do amor.

Para comprovar o valor supremo do amor o apóstolo fala de três coisas nas quais os crentes coríntios se jactavam: o discurso eloquente deles; as suas possessões espirituais; e as suas atividades. Ele mostra que, embora eles possam procurar se exaltar por causa dessas coisas, elas não são de nenhum valor à vista de Deus se não tiverem o amor como o seu motivo.

(Verso 1). Os crentes coríntios promoviam muito o dom de línguas e de eloquência natural. O apóstolo nos adverte que é possível “falar a língua dos homens e dos anjos” e não ter amor. Onde isto é assim, apesar da eloquência e das palavras seráficas, aquele que fala ficará como “o metal que soa ou como o sino que tine”.

(Verso 2). Além disso, esses crentes se jactavam em suas possessões espirituais. Eles tinham dons e discernimento em todos os mistérios e todo conhecimento. Eles possivelmente tinham a fé que pode realizar grandes feitos, mas, diz o apóstolo, podemos ter ricos dons, mas se não tivermos amor não somos nada. Ele não diz que esses dons, a profecia, o conhecimento e a fé, não são nada, mas que *aquela* que exercita esses dons sem amor não é nada. O apóstolo não está falando da fé em Cristo, pois esta fé opera pelo amor; antes ele fala da fé que capacita os indivíduos a vencer grandes obstáculos e fazer grandes bravuras; e diz que é possível ter tal fé sem amor.

(Verso 3). Podemos prontamente admitir que é possível a um homem falar bem sem amor, e se jactar em seu conhecimento espiritual sem amor, e podemos aconselhar o tal a falar um pouco menos e fazer um pouco mais. Mas o apóstolo, além disso, no adverte que também é possível *fazer* muito sem amor. Ele diz que as atividades beneficentes de um homem podem aumentar a tal ponto que possa dar todos os seus bens para alimentar os pobres e o seu corpo como um mártir para ser queimado, contudo, o motivo pode não ser o amor, e assim todas as suas atividades não lhe servem de nada.

Assim as palavras sem amor, o conhecimento sem amor e as atividades sem amor, embora possam ser usadas por Deus para cumprirem as Suas finalidades, não acrescentarão nada àquele que assim fala e age. Sem amor ele não será nada e não aproveitará nada, apesar de todas as suas palavras, suas possessões e suas atividades.

2. *A natureza do amor.*

(Versos 4-7). Tendo insistido no valor único do amor, o apóstolo agora revela o verdadeiro caráter do amor. Foi apontado que as oito primeiras qualidades do amor mostram que o efeito do amor em sua natureza é o de conduzir à completa renúncia do ego com sua impaciência, falta de consideração, ciúme, agressividade, presunção, falta de cortesia, egoísmo e vontade de disputar.

(1) “O amor é sofredor.” A carne está sempre impaciente, mas o amor pode sofrer muito tempo e esperar o tempo de Deus. A paciência carnal é logo esgotada; o amor não se esgota.

(2) O amor “é benigno”. A carne, mesmo que espere, muitas vezes assim o fará em um espírito rabugento e ressentido; mas o amor, enquanto espera, pode manter um espírito amável de consideração aos outros.

(3) “O amor não é invejoso”. A carne sempre busca um lugar acima dos outros, e inveja o favor ou a posição concedida a outros e não a si mesmo. O amor pode se deleitar sem pensar na inveja das honras conferidas a outros.

(4) “O amor não trata com leviandade”. A carne é agressiva, empurrar-se levemente para a proeminência. O amor não é arrogante, mas antes se retira e é reservado.

(5) O amor “não se ensoberbece”. A carne é muitas vezes vã e inflada com sua presunção. O amor toma o lugar humilde no serviço aos outros.

(6) O amor “não se porta com indecência”. A carne, mesmo quando elevada na escala social, pode ser grosseira e rude. O amor conduzirá o mais elevado de nascença, bem como o mais baixo, a ser cortês.

(7) O amor “não busca os seus interesses”. A carne é sempre egoísta e busca o seu próprio interesse. O amor é altruísta e desinteressado, busca o bem de outros.

(8) O amor “não se irrita”. A carne é sempre sensível e rápida para se ofender e se ressentir de insultos. O amor é lento para se irritar e não é facilmente provocado. O amor, de fato, pode ser irritado já que nesta mesma Epístola somos advertidos de que é possível irritar ao Senhor (1 Co 10:22); mas o Senhor é lento para se irritar; Ele não é rapidamente irritado.

Nas três qualidades que se seguem aprendemos que o amor não só conduz à renúncia do ego, mas que obtém prazer real naquilo que é santo e verdadeiro.

(1) O amor “não suspeita mal”. A carne é rápida para imaginar o mal e imputar motivos errados. O amor não considera que exista o mal quando não há nenhuma evidência positiva.

(2) O amor “não folga com a injustiça”. Aliás, a carne se deleita em estar ocupada com o mal. O amor não tem nenhum prazer em descobrir o mal ou trazê-lo à luz.

(3) O amor “folga com a verdade”. A carne é profana e pode encontrar prazer na ocupação com o mal. O amor é santo e encontra a sua alegria em estar ocupado com a verdade. O amor não é, portanto, cego, pois conhece e aprecia a verdade.

As quatro últimas qualidades mostram a energia positiva do amor, pela qual o seu possuidor é sustentado no meio de um mundo hostil.

(1) O amor “tudo sofre”. A carne pode suportar muito pouco sem mostrar o seu ressentimento. O amor pode suportar todas as coisas, e muitas vezes em silêncio.

(2) O amor “tudo crê”. A carne sempre suspeita. O amor é confiante e pronto para crer no bem quando não há nenhuma evidência direta ao contrário, até na presença de muitas coisas que possam levantar dúvidas.

(3) O amor “tudo espera”. A carne está sempre pronta para supor o mal e crer no pior. O amor considera o bem e não o mal e espera o melhor, apesar de muitas coisas que possam parecer sem esperança.

(4) O amor “tudo suporta”. A carne, assumindo o pior, não tem nenhuma esperança, e quando a esperança se vai não há nenhum poder para suporta. O amor, esperando todas as coisas, fortalece o seu possuidor para suportar em presença da oposição e do desânimo.

3. O caráter duradouro de amor.

(Versos 8-13). Tendo descrito a natureza do amor, o apóstolo declara a sua permanência. O amor nunca falha. As profecias serão aniquiladas; o cumprimento delas as conduzirá a um fim. As línguas cessarão com a condição atual de divisão das nações. O conhecimento, ou o conhecimento parcial que temos no momento, sumirá. Tal conhecimento como agora possuímos não é o conhecimento pleno, mas antes algo que estamos adquirindo, e por isso apenas uma prova da nossa ignorância. Ele é apenas conhecimento “em parte”. Na condição perfeita do céu este conhecimento parcial terá passado para sempre. Haverá a abençoada revelação da verdade naquela cena celestial, mas independentemente do que é apresentado haverá conhecido pleno, em contraste com a nossa condição atual na qual, embora a verdade seja totalmente revelada, ainda é apenas parcialmente compreendida. Por mais que possamos aqui entrar na verdade abaixo, ela sempre permanece conhecida “em parte”. Para expor o nosso presente conhecimento parcial, o apóstolo usa a figura de um menino, que só pode pensar, falar e raciocinar como um menino. Quando o menino se torna homem, a condição infantil é deixada para trás. Portanto, enquanto estamos nesse corpo, somos compelidos muito basicamente a pensar nas coisas espirituais em termos naturais de acordo com a nossa condição presente. Por esta razão, quanto à verdade, vemos por um espelho em enigma. No momento somos semelhantes a alguém que olha para os objetos através de algum meio semitransparente que obscurece a visão. No estado perfeito veremos face a face; não haverá nenhum meio de comunicação entre nós e aquilo que olhamos fixamente. Então conheceremos como somos conhecidos. Conheceremos completamente a verdade como um todo, não simplesmente em parte, assim como somos completamente conhecidos.

Agora permanece a fé, a esperança e o amor, esses três, “mas o maior desses é o amor”. No estado perfeito a fé será mudada para a visão, e assim a fé terá o seu fim. A esperança terminará na realização. Apenas o amor permanecerá. A fé e a esperança se tornam muito bons companheiros de viagem, mas nos separamos delas na porta do céu. Entramos com uma única coisa, o amor. Entretanto, o verso fala da condição presente, e nos diz que mesmo agora o amor é a maior qualidade. Deve ser assim, pois o amor é a própria natureza de Deus, e por isso o amor é eterno.

1 CORÍNTIOS 14

No capítulo 14 temos a revelação da ordem de Deus para o exercício dos dons na igreja. Os dons, conforme temos aprendido, foram distribuídos pelo Espírito a cada homem para o proveito de todos (1 Co 12:7). Não basta, contudo, ter recebido um dom; se é para o proveito de outros, ele deve ser divinamente regulado. Neste capítulo a igreja é contemplada quando se reúne em um lugar (versos 23, 26, 28, 33, 34, 35); e somos instruídos como os dons devem ser exercidos em tais ocasiões segundo a ordem de Deus.

Há duas formas pela quais a ordem de Deus pode ser deixada de lado: primeira, pela permissão da desordem do homem, e, segunda, pela adoção da ordem do homem. Os crentes coríntios tinham evidentemente deixado de lado a ordem de Deus pela permissão da desordem grosseira. Havia até embriaguez na Ceia do Senhor. Além disso, pareceria que os dons de sinal, dados pelo Espírito Santo, eram usados sem reverência à vontade do Senhor, e se tornaram um meio de exaltar os crentes e ministrar à própria vaidade deles.

Na cristandade de hoje raramente podemos ver tais ultrajes violentos sobre a decência ordinária como foram exibidos em Corinto. Sem embargo, por todos os lados vemos reuniões de cristãos professos conduzidas segundo princípios inteiramente contrários às claras direções da palavra de Deus. Com a cristandade de hoje não há tanto a desordem, como em Corinto, mas antes a ordem humana que deixou de lado a ordem divina. A ordem humana é igualmente séria, se não muito mais do que a desordem humana, pois a conduta grosseira ofenderá até mesmo a consciência natural e atrairá a correção, ao passo que a ordem humana pode acalmar a consciência e ser permitida sem que a sua maldade seja descoberta.

Para avaliar a gravidade desta maldade, devemos nos lembrar que, muito cedo na história da igreja, as grandes verdades distintas da dispensação foram abandonadas pela maioria dos professos. A presença de Cristo em glória como o Cabeça da Sua igreja, a presença do Espírito Santo na terra, e a formação e chamamento da igreja, são grandes verdades que foram quase que inteiramente perdidas logo depois da morte dos apóstolos. A cristandade ficou fermentada com o Judaísmo, com a conseqüência de que os homens sinceros, mas ignorantes tentaram manter a ordem fundando uma classe sacerdotal distinta dos leigos segundo o modelo do sacerdócio judaico. A ordem humana, por meio do clero, foi adotada e ainda prevalece em todas as grandes seitas religiosas da cristandade.

A gravidade de adotar esta ordem humana está no fato de que ela ignora a presença e a liderança do Espírito Santo. Somos tão lentos para aceitar o fato de que a grande verdade cardeal do presente momento é que estamos vivendo no tempo quando uma Pessoa divina – o Espírito Santo – está presente sobre a terra em nome dos interesses de Cristo, para consolar, ensinar, guiar, nos mostrar todas as coisas, e nos conduzir no exercício do dom e da oração (Jo 14:16-26; Jo 16:13-15; 1 Co 12:3; Jd 20). Se, contudo, no entendimento do corpo de Cristo e na presença do Espírito Santo, formos separados de todo sistema artificial que, na prática, nega essas grandes verdades, podemos perguntar: ‘A Escritura dá alguma luz quanto ao modo que os crentes devem agir quando se reúnem para o ministério da palavra?’

O décimo quarto capítulo desta Epístola claramente mostra que Deus nos deu direções muito explícitas para o exercício do ministério nas assembléias do Seu povo quando se reúnem. Que os princípios estabelecidos neste capítulo não possam ser levados a cabo nos sistemas religiosos da cristandade apenas condena esses sistemas e faz manifesto para quão longe eles se afastaram da ordem de Deus. Se, contudo, os

nossos olhos tiverem sido abertos para a maldade desses sistemas, e mantivermos distância deles, nos encontraremos em uma posição na qual é possível, sob a orientação do Espírito Santo, agir segundo a ordem de Deus.

No exercício dos dons pelo Espírito Santo, três grandes princípios são afirmados neste capítulo:

Primeiro, devemos seguir o amor (verso 1).

Segundo, os dons devem ser usados para a edificação (versos 2-25).

Terceiro, os dons devem ser exercidos segundo a ordem divina (versos 26-40).

1. Amor, o motivo no uso de dons.

(Verso 1). A manutenção do amor, edificação e ordem divina na igreja dependem inteiramente da ação graciosa do Espírito Santo. O apóstolo já insistiu nos direitos do Espírito Santo na igreja (1 Co 12:4-13) e revelou-nos as qualidades abençoadas do amor (1 Co 13). Ele agora começa esta nova porção, que fala do exercício dos dons, com a exortação: “Segui o amor”.

Se o amor estivesse em exercício na igreja em Corinto, ele teria evitado muitas desordens graves, mesmo se não estivessem instruídos na ordem de Deus. O amor, conforme o apóstolo mostrou, conduz à renúncia de si mesmo. Por esta razão a exortação para seguir o amor precede a exortação para desejar os dons espirituais e a instrução quanto ao seu uso. O amor manterá a motivação pura, tanto no desejo por um dom espiritual como no uso do dom. O amor não pensa em si mesmo, mas no bem de outros. Na falta do amor os crentes em Corinto estiveram usando os sinais dos dons de cura e de línguas para exaltar a si mesmos. Para refutar esta tendência o apóstolo os exorta a procurar antes profetizar.

2. Edificação, o grande fim no uso de dons.

(Versos 2-4). A exortação para cobiçar o dom da profecia leva o apóstolo a mostrar que o grande fim do exercício do dom é a edificação. Em toda a sua instrução ele mantém isso diante de nós. No verso 3 ele fala de “edificação, exortação e consolação”; no verso 5 ele escreve: “para que a igreja receba a edificação”; no verso 12: “procurai abundar neles, para edificação da igreja”; e no verso 26: “Faça-se tudo para a edificação”.

Aquele que fala em uma língua estranha pode falar a Deus em mistérios, mas se “ninguém o entende” não há edificação. A menos que haja um intérprete, tanto o “amor” como a “edificação” excluíam o uso de línguas. Em contraste com as línguas, aquele que profetisa fala aos homens para edificação, exortação e consolação. Isso dificilmente é uma definição de profecia, mas antes o resultado de profetizar. Pensando nos profetas do Velho Testamento, podemos ser inclinados a limitar a profecia à predição de eventos futuros. Isso, contudo, era uma parte limitada do trabalho do profeta, mesmo durante os dias do Velho Testamento. A sua grande missão era a de aplicar a palavra de Deus à consciência e ao coração para edificação. Isso ainda se aplica ao serviço do profeta nos tempos do cristianismo; e nesse sentido o dom permanece. Do lugar que o apóstolo dá ao dom nesta passagem, podemos concluir que ele é o maior de todos os dons que permanecem para a igreja, e aquele a ser mais desejado.

(Versos 5, 6). As línguas tinham, de fato, o seu lugar; mas o apóstolo pergunta: que proveito teria o falar em línguas sem um intérprete? Se a igreja deve ser edificada, só o pode ser através de alguém que fala por revelação, ou conhecimento, ou profecia, ou doutrina. Nos dias do apóstolo havia ainda aqueles que falavam por revelação. Agora que a palavra de Deus está completa temos o dom da revelação preservada na Escritura. O conhecimento implicaria na comunicação aos crentes daquilo que já foi revelado.

Profetizar é antes a aplicação da verdade à consciência, enquanto a doutrina, ou ensino, é a instrução em uma determinada verdade.

(Versos 7-11). Além disso, para a edificação não é necessário apenas comunicar o conhecimento, aplicar a palavra pela profecia à consciência, e ensinar determinadas verdades, mas fazê-lo em “palavras bem inteligíveis”. A obscuridade não é espiritualidade. Se não houvesse “sons distintos”, a música não transmitiria nenhum significado melodioso. Se o som for “incerto”, a trompa não produzirá nenhum efeito sobre os ouvintes. Por isso ministrar pode se tornar de tal modo tão confuso que não transmita nenhum significado, ou pode ser expresso com tal incerteza que não tenha nenhum efeito sobre os ouvintes. Se ministrar é edificar, deve ser feito em palavras “bem inteligíveis” e com a certeza dos oráculos de Deus. Toda voz na natureza tem um significado especial, e por isso as palavras têm um significado especial. Se usarmos palavras que não transmitem nenhum significado aos ouvintes, praticamente nos tornamos bárbaros falando em algum jargão estranho.

(Verso 12). Se, então, somos zelosos dos dons espirituais, não deixemos que eles possam nos exaltar e nos distinguir dos nossos irmãos, mas que possamos nos distinguir para a edificação da igreja. Nada que deixa de lado este grande princípio da edificação pode ser do Espírito. Onde o Espírito Santo é desimpedido ali o amor prevalece, e onde o amor prevalece toda elocução será para a edificação.

(Versos 13-17). Essas elocuições podem tomar outras formas além das do exercício dos distintos dons. Pode ser por essa razão que no primeiro verso somos exortados a desejar as “manifestações espirituais” (J.N.Darby), e não os “dons espirituais”, conforme a nossa tradução. Assim é deixado espaço para toda forma de elocução sob a liderança do Espírito. Nesses versos lemos sobre a oração, o cantar e dar graças, formas de ministrar que nunca são chamadas de dons. Mas, qualquer que seja a forma de elocução, a edificação deve ser mantida à vista. Se o Espírito Santo preside, e o amor prevalece na igreja, toda elocução estará em uma forma que aqueles que são não instruídos serão capazes de seguir inteligentemente e acrescentar o seu Amém. A comunhão, na qual o Amém é a expressão exterior, será por esta razão mantida.

(Versos 18-20). Ao condenar o abuso das línguas, o apóstolo não foi movido pelo ciúme, já que ele mesmo falou em línguas mais do que todos eles; mas ele usou o dom no lugar certo, diante da audiência certa, e para um propósito certo. Na igreja cinco palavras com compreensão, para que os outros possam ser ensinados, eram melhores do que “dez mil palavras em língua desconhecida”. Em seu afeto pelo uso de línguas, os coríntios agiam como crianças, que se deleitam com qualquer coisa que dê uma demonstração. O apóstolo os exorta, e a nós, a não sermos crianças na compreensão, mas a sermos inocentes como um bebê em toda malícia. Temos a carne em nós e ela pode, a não ser pela graça de Deus, usar a oração ou o ministério para expandir um pouco do sentimento de malícia contra um irmão. Mas, como alguém disse: Esta é uma forma de maldade espiritual em lugares elevados. Vamos, então, procura seguir o amor e a edificação.

(Versos 21-25). O apóstolo cita Isaías 28:11, 12 para mostrar que, nos dias de fracasso de Israel, quando os profetas tinham errado, Deus falou a eles em línguas estrangeiras, como um sinal de descrença daqueles que não ouviriam a palavra clara de Deus. Por isso o exercício do dom de línguas no princípio da cristandade era um sinal, não para crentes, mas para incrédulos, e deixava o ouvinte sem desculpa.

Em contraste com as línguas, o dom da profecia serve não apenas para o incrédulo, mas para o crente. Quando os santos se reúnem em um lugar, o exercício das línguas sem um intérprete poderia conduzir um incrédulo, ou uma pessoa não erudita, a concluir que a igreja estava louca. Profetizar, por outro lado, poderia condenar a

consciência de um incrédulo, fazer manifestos os segredos do seu coração, e o convencer de estar na presença de Deus.

3. Ordem divina a ser mantida no exercício dos dons.

(Verso 26). Em vista das suas instruções para manter a ordem divina quando a igreja se reúne, o apóstolo indaga como esses crentes em Corinto atuavam. Ele tinha dado plena liberdade para orar, cantar, abençoar, agradecer e profetizar, contanto que tudo fosse levado a cabo em um espírito de amor e edificação. Eles estavam tirando proveito da liberdade que tinham, pois “cada um” estava pronto para participar. Sem embargo, eles tinham abusado da sua liberdade por não atuarem “decentemente e com ordem”. A liberdade do Espírito tinha sido convertida em licença para a carne. Corrigir este abuso não sugere que o ministério de um só homem deva tomar o lugar da liberdade que pertence a todo homem. A cristandade fez isto e perdeu a liberdade na busca por corrigir o abuso. O apóstolo diz: “Faça-se tudo para edificação”, e para que isto possa ser assim, ele apresenta a ordem de Deus, desta forma mantendo a plena liberdade para ministrar enquanto se guarda do abuso.

(Versos 27, 28). Primeiro, ele trata com as línguas estranhas. Se algum homem falar em uma língua estranha, “faça-se isso por dois, ou quanto muito três”, e isso no decurso ordeiro, e deixe alguém interpretar. Se não houver nenhum intérprete o exercício deste dom não é permitido.

(Versos 29-31). Se os profetas falarem, também devem ser apenas dois ou três, enquanto os outros julgam. Os que falam e os que ouvem têm a sua responsabilidade. Os ouvintes devem julgar se o que é dito é do Espírito. Todo aquele que fala deve deixar espaço para o outro a quem uma palavra possa ser dada, pois todos podem profetizar um por um, para que todos possam aprender e ser consolados. Claramente, então, qualquer coisa na natureza do ministério de um só homem na reunião de uma igreja está fora da ordem.

(Versos 32, 33). Além disso, os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas, uma afirmação que exclui toda idéia de ser movido por um impulso incontrollável. Com os homens que falam sob o poder de demônios seria de outra maneira, resultando em excitação profana e confusão. Deus não é o Autor da confusão, mas da paz. Qualquer cena de confusão nas reuniões do povo de Deus, claramente não é de Deus.

(Versos 34, 35). A liberdade de todos para profetizar um por um na igreja não se aplica a mulheres. Elas devem manter-se em silêncio nas reuniões. A capacidade, ou não, não está em questão. O silêncio em público por parte das mulheres é segundo a ordem da criação bem como segundo a lei. A esfera de liberdade da mulher é em casa. Falar em público é cobrir-se de vergonha.

(Versos 36-38). As orientações do apóstolo são encerradas com uma reivindicação definida de que elas são os mandamentos do Senhor, e, como tal, têm toda a autoridade da palavra de Deus que vem, não apenas para a igreja em Corinto, mas para todas as igrejas do povo de Deus. Negligenciar as orientações do apóstolo é recusar a aplicação universal da palavra de Deus à igreja. O lugar da igreja deve ser de sujeição à palavra de Deus, lembrando-se de que a palavra de Deus vem para a, e não da igreja. A igreja, como tal, é ensinada; ela não pode ensinar. A espiritualidade de qualquer homem será vista pela confirmação de que as coisas que Paulo escreveu são os mandamentos do Senhor. Desconsiderar essas direções é ignorar as ordens diretas do Senhor. Sendo assim, o apóstolo é muito breve e decisivo com algum que recusam a sujeição. Com estes tais ele não discutirá. Ele simplesmente diz: “Se alguém ignora isso, que ignore”.

(Versos 39, 40). O apóstolo resume as suas instruções incitando-os novamente a desejar profetizar, mas não proibir que se fale em línguas, mas: “Faça-se tudo decentemente e com ordem”. Qualquer que seja a forma que as manifestações

espirituais possam tomar na igreja, que todos os que tomam parte se perguntem: “Ela será em amor, será para a edificação, será segundo a ordem divina?”. Vamos então nos lembrar das três grandes exortações do capítulo:

- (1) “Segui o amor” (verso 1).
- (2) “Faça-se tudo para edificação” (verso 26).
- (3) “Faça-se tudo decentemente e com ordem” (verso 40).

1 CORÍNTIOS 15

No capítulo 15 chegamos a terceira principal divisão da Epístola. Na primeira divisão temos a Cruz de Cristo excluindo a sabedoria do mundo, a licença da carne e a adoração de demônios (1 Co 1-10). Na segunda divisão temos a ação graciosa do Espírito Santo, mantendo a ordem na igreja de Deus (1 Co 11-14). A terceira divisão traz diante de nós a ressurreição de Cristo, que triunfa sobre a morte e a sepultura, e abre o caminho ao estado perfeito quando Deus será tudo em todos.

É evidente que na igreja em Corinto não havia apenas a permissão da lascívia moral e desordem na igreja, mas também a existência do erro doutrinal de um caráter vital, pois alguns dentre eles diziam: “Não há ressurreição dos mortos” (verso 12). Este erro era certamente o resultado da baixa condição moral deles. O progresso do mal, conforme visto nesta igreja, é solene e instrutivo. Primeiro, havia as más práticas; em segundo lugar, havia a desordem na igreja; em terceiro lugar, havia a falsa doutrina. Um mal leva a outro; a lascívia moral abre a porta para a carne, e nega a Cruz; a desordem na igreja leva ao clero e a ordem humana, e ignora o Espírito; o erro doutrinal abre o caminho para o inimigo minar os fundamentos da nossa fé, e ataca a Pessoa de Cristo.

É importante observar que não é dito daqueles que propagavam este erro que eles negaram a imortalidade da alma, mas que eles se opunham a verdade de que *o corpo* seria ressuscitado. A ressurreição ensina que o que morre é ressuscitado. Ela, por isso, deve se aplicar ao corpo, pois é o corpo que morre, não a alma. Assim lemos: “Muitos *corpos* de santos que dormiam foram ressuscitado” (Mt 27:52). Além disso, é possível que aqueles que afirmavam este erro não tinham nenhuma intenção de comprometer o Evangelho, ou até mesmo de negar que Cristo foi ressuscitado. Isso, contudo, era o terrível resultado, e este era o alvo de Satanás.

Para tratar com este laço do diabo o apóstolo mostra como este erro afeta o Evangelho (versos 1-11), como ele ataca a Pessoa de Cristo e aqueles que crêem Nele (versos 12-19), e então ele nos revela algumas bênçãos positivas que advêm da ressurreição de Cristo (versos 20-58).

(Versos 1, 2). Como esta negação da ressurreição mina o Evangelho, o apóstolo lembra primeiro a esses crentes do Evangelho que tinha pregado, o qual tinham recebido, no qual permaneciam abençoados diante de Deus e pelo qual foram salvos. Mas ele acrescenta as palavras: “se não é que crestes em vão”, pois se não há ressurreição evidentemente tinham crido em um mito. Contudo, o apóstolo mostra em uma observação parentética que a realidade da sua fé seria comprovada por reterem a palavra que ele lhes tinha anunciado nas boas novas.

(Versos 3, 4). Imediatamente ele resume as boas novas sob três cabeçalhos. Primeiro: “Cristo morreu por nossos pecados segundo as Escrituras”. Isso traz para diante de nós a grande obra propiciatória de Cristo por todo mundo, predito em todas as Escrituras, pois a lei a apresenta em figura, os Salmos a apresenta experimentalmente e os profetas a anunciam profeticamente. Em segundo lugar, Cristo foi sepultado, a completa evidência da Sua morte e o fato solene de que todas as Suas ligações com o homem segundo a carne estão cortadas. Em terceiro lugar: “Ele ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras”, o testemunho eterno de que o poder da morte está quebrado, o diabo derrotado e Deus glorificado.

O apóstolo cuidadosamente observa que o Evangelho que ele pregou, tinha “*recebido*”, conforme sabemos de outra epístola: “pela revelação de Jesus Cristo” (Gl 1:12). Rejeitar o seu Evangelho, portanto, é questionar a revelação de Jesus Cristo e a autoridade das Escrituras.

(Versos 5-10). Tendo apresentado o Evangelho que pregava, no qual a ressurreição tem um lugar vital, ele confirma a verdade da ressurreição de Cristo apresentando diferentes testemunhas às quais Cristo apareceu depois que tinha ressuscitado dos mortos. Como sabemos, há outras testemunhas, como Maria e os dois que iam para Emaús, mas o apóstolo é levado a escolher estas testemunhas que, por razão do seu serviço, ou números, têm importância especial como testemunhas. Primeiro, a ressurreição de Cristo foi vista por Cefas, o apóstolo que primeiro pregou o Evangelho aos judeus, e foi usado para abrir a porta da graça aos gentios.

Em segundo lugar, Ele apareceu aos doze, os quais O tinham acompanhado na terra.

Em terceiro lugar, Ele foi visto ressurreto uma vez por mais de quinhentos irmãos.

Em quarto lugar, Ele apareceu a Tiago, o apóstolo que teve um lugar de liderança entre os crentes judaicos em Jerusalém.

Em quinto lugar, Ele foi visto por todos os apóstolos, quando, no final dos quarenta dias, foi recebido em cima de no céu.

Em sexto lugar, como o Homem ascendido à glória, Ele foi visto pelo último de todos, pelo apóstolo Paulo, que tinha sido o perseguidor de Cristo e do Seu povo, mas que tinha sido apontado para pregar aos gentios. O apóstolo se regozija por reconhecer que era pela graça de Deus que se encontrava entre as testemunhas da ressurreição de Cristo, e se, como um apóstolo, trabalhou mais abundantemente do que todos eles, isso também foi pela graça de Deus.

(Versos 11). Assim, se foi por Paulo, ou pela grande companhia que tinha visto Cristo ascendido, o Evangelho que foi pregado, e que esses Coríntios tinham crido, tinha a sua pedra fundamental na ressurreição de Cristo.

(Versos 12-19). Se, então, em vista de tal evidência é impossível negar que Cristo esteja ressuscitado, como poderiam alguns ousar dizer que não há “ressurreição dos mortos”? Contudo, como, infelizmente, havia tal coisa, o apóstolo passa a mostrar as solenes conseqüências deste erro. Primeiro: independentemente do que criam aqueles que introduziram este erro, era um ataque à Pessoa de Cristo, pois se não há ressurreição dos mortos, então Cristo não está ressuscitado. Em segundo lugar, se Cristo não está ressuscitado, a pregação é uma fábula vã. Em terceiro lugar, se a pregação é vã, a fé dos ouvintes é fútil, já que eles colocam a sua fé naquilo que é falso. Em quarto lugar, se os pregadores que professam virem de Deus estão pregando fábulas, eles são “testemunhas falsas de Deus”. Em quinto lugar, aqueles que puseram a sua fé naquilo que é vão ainda estão em seus pecados. Em sexto lugar, se aqueles que estão em seus pecados dormiram, eles devem ter perecido. Em sétimo lugar, se a ressurreição é uma fábula, a vida de quem a professa é dentre todos os homens o mais miserável, pois na fé da ressurreição eles abandonaram este mundo presente e não têm nada para o futuro.

Assim o apóstolo mostra que este erro fatal desonrava a Cristo, condenava a pregação como sendo uma fábula, fazia a fé dos ouvintes inútil, os pregadores testemunhas falsas, os que dormiram perecidos e os crentes vivos os mais miseráveis.

(Verso 20). Tendo mostrado as conseqüências solenes que devem fluir deste erro, o apóstolo passa a expor, em contraste, os resultados abençoados que fluem da grande verdade de que “agora Cristo ressuscitou dos mortos”. Cristo, ressuscitado dentre os mortos, é “as primícias dos que dormem”. A sua ressurreição é, de fato, a promessa de que todos serão ressuscitados, o justo para entrar em sua bênção final e o injusto para o juízo (At 17:31). Aqui, contudo, a Sua ressurreição é a promessa da ressurreição dos *Seus* que dormiram. A ressurreição deles será segundo o modelo da Sua ressurreição, uma ressurreição *dentre* os mortos. Com o pecador ela não será uma ressurreição dentre os mortos – uma ressurreição na qual alguns são tirados da morte enquanto outros são

deixados – ela será simplesmente a destruição da morte, com a consequência de que todos aqueles que estão nas sepulturas ressuscitarão imediatamente.

(Versos 21-23). O apóstolo mostra então que, se a morte entrou pelo homem, assim também a ressurreição é trazida pelo Homem. Há duas raças de homens caracterizados pelos seus respectivos cabeças. Todos os conectados com Adão estão sob a morte. Todos os conectados com Cristo serão vivificados. Alguém disse de forma verdadeira que “todos” no caso de Adão engloba toda a raça, ao passo que “todos” no caso de Cristo necessariamente engloba apenas a Sua família. O Verso seguinte, que fala da ordem da ressurreição, torna muito claro que Cristo e apenas aqueles que são de Cristo estão em vista. Cristo foi ressuscitado como primícias, não da ressurreição dos mortos, mas dos ressuscitados *dentre* os mortos. Esta ressurreição dos Seus irá se realizar “em Sua vinda” e incluirá seguramente todos os santos do Velho Testamento, já que eles também “são de Cristo”, embora certamente o apóstolo, ao escrever à igreja dos coríntios, tenha a igreja mais especialmente em vista.

(Versos 24-28). Sem mencionar a ressurreição do pecador, o apóstolo ao mesmo tempo passa da ressurreição daqueles que são de Cristo para o fim do reino terrestre de Cristo. Este fim será alcançado quando todo governo, autoridade e poder opostos forem anulados, quando todo inimigo foi suprimido, e o último inimigo, a morte, for destruída. Isto de fato envolve, apesar de não ser mencionado especificamente, a ressurreição e o julgamento dos mortos.

O grande alvo do reino de Cristo será conduzir todo o universo à sujeição a Deus. Assim como a criação foi submetida ao pecado, a morte e ao poder do diabo por um homem, Adão, assim todo inimigo será tratado por um Homem, Cristo, e todos serão conduzidos à sujeição a Deus. O “fim” aqui não é simplesmente o fim da presente era, como em Mateus 13:39, 49. O fim da presente era introduz o reino de Cristo. Aqui o fim marca o fim do reino e o começo do Estado Eterno, os novos céus e nova terra, onde habita a justiça. A última parte de verso 24 e dos versos 25 e 26 descrevem o caráter do reino de Cristo, o último ato que é a destruição do poder da morte.

Então, quando todo mal for tratado, Cristo devolverá o reino a Deus, o Pai. Toda a passagem vê o Filho como tendo se tornado Homem, para consumir a vontade de Deus trazendo toda a criação à sujeição a Deus. Para consumir este grande fim Deus deu ao Filho, quando se tornou Homem, poder universal. Tendo pelo Seu todo-poderoso reino poder para conduzir todos à sujeição a Deus o Pai, Ele ainda permanece o Homem sujeito como quando esteve sobre esta terra, para que Deus possa ser tudo em todos. O Filho não deixa de ser Deus e um com o Pai, mesmo quando esteve na terra, mas “Cristo tomará o Seu lugar, como Homem, o Cabeça de toda a família redimida, sendo ao mesmo tempo o Deus abençoado para sempre, um com o Pai” (J.N.D.) . Não é dito para que o Pai seja tudo em todos, mas para que Deus – Pai, Filho e Espírito Santo – seja tudo em todos. Que mundo abençoado que será quando nos novos céus e na nova terra Deus for o Objetivo de todos, e moralmente demonstrado em todos, pois esse não é o significado dessas palavras, tão simples em sua linguagem, mas tão profundo em seu significado?

(Versos 29-32). É bom notar que os versos 20-28 formam um parêntese, no qual o apóstolo, começando pelo grande fato da ressurreição de Cristo, traça os seus efeitos de longo alcance com relação aos Seus, com o reino, e com o final dos tempos, sobre os novos céus e nova terra quando Deus será tudo em todos. Tendo mostrado os resultados de longo alcance da ressurreição, o apóstolo retoma a linha do seu argumento nos versos 18 e 19. Nestes versos ele comprovou que, se não houver ressurreição, aqueles que dormiram pereceram, e os crentes que ainda vivem são os mais miseráveis dos homens. Ele agora faz duas perguntas com relação a essas duas classes. Primeiro, se os que

dormiram pereceram: “O que farão os que se batizam pelos mortos se absolutamente os mortos não ressuscitam?” Por que são batizados por eles? O batismo é uma figura da morte, e implica que o que foi batizado aceite o lugar no qual a morte de Cristo põe o crente em relação a este mundo. Cristo através da Sua morte e os crentes que dormem, cortaram de fato as suas conexões com este mundo. Através do batismo nós que estamos vivos nos identificamos em figura com Cristo e com os santos que dormiram em sua morte para este mundo. Quão sem sentido é fazer isso se o morto não ressuscita.

Em segundo lugar, continuando o seu argumento do verso 19 de que se não houver ressurreição nós, os crentes, somos os mais miseráveis dos homens, ele pergunta: “Por que estamos nós também a toda hora em perigo?” Que loucura correr o risco de morrer se não há ressurreição. Ele então se refere à sua própria vida de sofrimento, por causa de Cristo, e que os santos deveriam compartilhar com ele em sua alegria em Cristo. Isso constantemente o colocava face a face com uma morte violenta, para que, no espírito da sua mente, morresse diariamente. Tão violenta era a oposição em Éfeso que se desesperou da sua vida (2 Co 1:8). Os homens se comportavam como bestas e falando figurativamente, sobre a maneira dos homens, ele lutou com bestas em Éfeso. Mas que sentido havia em resistir todo este sofrimento, e colocar em perigo a sua vida, se a os mortos não ressuscitam? Ele não teria sido mais sábio, se não há ressurreição, atuando segundo o princípio daqueles que dizem: “Comamos e bebamos, porque amanhã morremos”?

(Versos 33, 34). O apóstolo, examinando as coisas de um ponto de vista moral, vê que por trás da falsa doutrina havia má prática. Pontos de vista falsos, de fato, podem ser o resultado da ignorância por estarem ligados a um sistema de ensino falso. Mas quando a alma que esteve na luz da verdade adota sérios erros que negam uma grande verdade fundamental da cristandade, encontraremos geralmente que a má prática está por trás da má doutrina, e conectada a má prática haverá associações mundanas que corrompem os bons costumes. Por essa razão o apóstolo apela para que esses santos “vigiem justamente e não pequem”. Além disso, essa auto-indulgência e associação mundana só comprovam quão pouco conheciam a Deus. Alguns de fato não tinham o conhecimento de Deus. Isso era para a vergonha deles.

(Versos 35-41). Tendo mostrado a vida prática do crente que, governado pela verdade da ressurreição, toma um lugar à parte do mundo, o apóstolo agora enfrenta as objeções racionalistas de alguns que perguntavam: “Como ressuscitarão os mortos? E com que corpo virão?” Aquele que levanta tais perguntas comprova que é tolo, que mede o Deus todo-poderoso e todo sábio pelas limitações humanas, e rejeita tudo o que não pode explicar. O apóstolo repreende esta loucura lembrando ao discordante das suas próprias ações: “Insensato! o que *tu* semeias não é vivificado, se primeiro não morrer. E, quando *tu* semeias, não semeias o corpo que há de nascer, mas o simples grão, como de trigo, ou de outra qualquer semente”. Você faz a semeadura, diz o apóstolo: “Mas *Deus* dá-lhe o corpo como quer, e a cada semente o seu próprio corpo”. O homem pode colocar a semente na terra, mas o homem não pode fazê-la crescer, ainda menos pode lhe dar um corpo segundo o seu prazer.

A morte deve vir antes da ressurreição. A morte é dissolução, mas a morte não é aniquilação. A semente como tal morre para introduzir a planta. Alguém disse: “Não há dúvida de que há um germe ou princípio de vida: mas o que o discordante sabe sobre isso? Se ele desconhece completamente isso até mesmo na semente, está ele em posição de objetar quanto ao corpo?”. Sabemos que a planta vem da semente, mas não sabemos como. Por essa razão o apóstolo não nos diz *como* o corpo é ressuscitado, embora repreenda a loucura daqueles que negam a ressurreição do corpo por não poderem imaginar como ela pode ser realizada.

Há de fato corpos diferentes no mundo das plantas; cada semente tem o seu próprio corpo, e que é um corpo dado por Deus. No mundo animal há corpos de homens, bestas, peixes e pássaros. No mundo material há corpos celestes e corpos terrestres, e entre os corpos celestes há diferenças, pois o sol, a lua e as estrelas diferenciam-se em glória.

(Versos 42-44). Se, então, há todas essas diferenças entre corpos no mundo natural e material, precisamos nós levantar perguntas sobre o porquê há uma vasta diferença entre o nosso corpo presente e o corpo que teremos na ressurreição? Por isso o apóstolo toma ocasião pela loucura desses racionadores para não trazer para diante de nós o caráter do corpo ressuscitado e o estado da ressurreição. Em contraste com o nosso corpo presente, o corpo ressuscitado será incorrutível, glorioso, poderoso e espiritual. Os crentes não serão espíritos desincorporados, mas na ressurreição receberão corpos espirituais, quão pouco, hoje em nossas mentes finitas, podemos compreender sobre uma existência espiritual ou um corpo espiritual. Admitimos haver um corpo natural inteiramente ajustado às condições da vida presente na terra. Por isso sabemos que os crentes terão um corpo espiritual inteiramente ajustado às condições celestiais.

(Versos 45-50). Para provar essas grandes verdades o apóstolo se volta à Escritura. Ele diz: “Assim está escrito”. Citando Gênesis 2:7, ele nos lembra que o primeiro homem, Adão, se tornou alma vivente. Mas o primeiro Adão é, como sabemos, “a imagem Daquele que há de vir” – “o último Adão”, Cristo – que é o Cabeça de uma nova raça que nunca será substituído por outro Cabeça e outra raça. O último Adão é “espírito vivificante”, Aquele que na ressurreição pode soprar sobre Seus discípulos e dizer: “Recebei o Espírito Santo”, e assim comunicar a vida no Espírito (Jo 20:22). Mas o natural vem antes do espiritual, e o primeiro homem é terreno, feito a partir do pó da terra; o segundo Homem é do céu; e como trouxemos a imagem do terreno, assim traremos nós, os cristãos, a imagem do celestial. Aqui o apóstolo não está falando do cristão que apresenta o caráter de Cristo, e por essa razão, mesmo agora está sendo mudado na mesma imagem de glória em glória (2 Co 3:18), mas da plena conformidade à imagem do celestial quando tivermos o nosso corpo ressuscitado. É evidente que esse corpo presente, a frágil carne e sangue, que estão sujeitas à corrupção, não pode herdar o reino de Deus com sua incorruptibilidade.

(Versos 51-55). Sendo assim, surge a pergunta, como e quando obteremos esse corpo espiritual e incorrutível, já que alguns crentes estão vivendo na terra, e alguns dormiram? O apóstolo responde essas perguntas declarando um mistério, uma das verdades de Deus que não pode ser conhecida até que revelada ao Seu povo. Assim aprendemos que nem todos os crentes passarão pela morte; “nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados”. Os santos do Velho Testamento, como Jó, sabiam de fato da ressurreição dos mortos, mas não sabiam nada sobre este grande mistério de que os corpos naturais dos santos vivos serão transformados em corpos espirituais sem que os santos atravessem a morte. Que prova da eficácia poderosa da morte de Cristo, a qual tão completamente satisfaz a penalidade da morte do crente, para que fosse possível a ele ser transformado na imagem do celestial sem passar pela morte!

Mas, se não vamos todos passar pela morte, “todos seremos transformados”, tanto os santos que dormem como os vivos. Esta grande transformação vai se realizar “num abrir e fechar de olhos, antes da última trombeta: porque a trompa soará, e os mortos ressuscitarão incorrutíveis, e nós seremos transformados”. Falando na última trombeta, o apóstolo provavelmente está se referindo ao ato final de levantamento de um acampamento romano quando começa uma marcha, uma figura que seria bem entendida naquele tempo. Em um momento este corpo que está sujeito à corrupção se revestirá de incorruptibilidade, e este corpo que é mortal se revestirá de imortalidade. Em virtude

deste poderoso triunfo sobre o poder da morte, podemos muito bem dizer com Isaías: “tragada foi a morte na vitória” (Is 25:8). Quão poderoso é o poder que, de cada canto desta terra, onde, pelas longas eras, tem estado descansando o pó dos santos que dormiram, seja por martírio ou por decadência natural, ressuscitará os mortos, e, juntamente com todos os santos vivos, os transformará na imagem do celestial, e isto num momento, “mais cedo do que a mente pode conceber, ou o olho discernir”.

Olhando para trás para a longa história triste de um mundo caído, vemos que a sombra da morte está sobre todos. *Olhando para* este grande evento, o crente pode dizer: “Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno a tua vitória?”, as palavras usadas pelo profeta Oséias quando ele registra a promessa de Jeová: “Eu os remirei da mão do inferno, e os resgatarei da morte. Onde estão, ó morte, as tuas pragas? Onde está, ó inferno, a tua perdição?” (Os 13:14).

(Versos 56, 57). O apóstolo nos lembra que “o aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei”. Mas Deus nos dá a vitória pelo nosso Senhor Jesus Cristo, Aquele que carregou o aguilhão quando foi feito pecado na Cruz, e “nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós” (2 Co 5:21; Gl 3:13). Com a bem-aventurança da verdade enchendo a sua alma o apóstolo irrompe em louvor a Deus.

(Verso 58). Portanto, por causa da poderosa vitória que Cristo ganhou pela Sua morte, e isso é testemunhado pela Sua ressurreição, e pela plena bem-aventurança na qual entraremos num piscar de olhos, estejamos firmes mantendo a verdade, imóveis em qualquer ataque do inimigo, e abundando sempre na obra do Senhor, sabendo que qualquer luta ou sofrimento terá uma resposta gloriosa e não será em vão.

1 CORÍNTIOS 16

Tendo cumprido o objetivo principal da sua Epístola em relação ao relaxo moral, desordem na igreja e ensino errôneo, o apóstolo encerra com algumas exortações práticas quanto à oferta, e informação quanto aos seus movimentos e de outros servos do Senhor.

(Versos 1-4). Nos quatro primeiros versos ele fala sobre “a coleta para os santos”. Podemos corretamente ter coletas para satisfazer a necessidade dos servos dotados do Senhor dos quais recebemos ajuda espiritual, mas há ocasiões quando também é necessário coletar para os pobres do rebanho. A necessidade especial dos santos em Jerusalém naquele tempo foi um caso neste ponto. Naquela cidade havia um grande número de santos que tinha sofrido a perseguição e havia provavelmente muitas viúvas e órfãos. Da epístola aos Hebreus aprendemos também que eles tinham sofrido o espolio dos seus bens. De Jerusalém o Evangelho tinha vindo aos gentios, e como os gentios convertidos tinham recebido coisas espirituais, era também correto que dessem das suas coisas materiais. Esta coleta deveria proceder regularmente, cada um colocando a parte em estoque, segundo o modo com que Deus o tinha prosperado. Como a coleta era deles, estavam livres para indicar os seus próprios administradores. O apóstolo, que era bem conhecido pelos santos em Jerusalém, os recomendaria por cartas dele mesmo. Se fosse conveniente que o apóstolo iria a Jerusalém, então os delegados de Corinto o acompanhariam.

(Versos 5-9). Quando se referiu a coleta o apóstolo tinha falado de visitar a igreja dos Coríntios. Ele agora novamente refere-se a esta visita proposta, e diz-lhes que por enquanto a estava postergando. Com grande graça e sabedoria ele não lhes diz a razão. No segundo capítulo da sua segunda epístola, quando viu pelo arrependimento deles o efeito desta primeira carta, esteve livre para dizer-lhes detalhadamente por que não pode vir a eles. Sem embargo, ele diz-lhes por que ficou em Éfeso, cidade de onde está escrevendo; pois ali uma grande porta foi-lhe aberta a qual era eficaz na bênção, e havia muitos adversários. Se o Senhor abre uma porta, o diabo seguramente levantará muitos adversários; os movimentos do apóstolo não eram governados pelos adversários, mas pelo Senhor que mantinha a porta aberta.

(Versos 10, 11). Sem embargo, Timóteo pode visitá-los e por essa razão o apóstolo o recomenda de uma forma especialmente ajustada às circunstâncias. Timóteo era evidentemente de uma disposição tímida, por isso deviam ter cuidado para atuarem de tal modo que ele fosse com eles sem temor. Além disso, ele era jovem, mas que não o deixassem por esta causa ser desprezado. Poderia haver uma recomendação maior do que o fato de que ele não fez apenas a obra do Senhor, mas de que a fez no mesmo espírito que o apóstolo? Ele foi aquele que levou a cabo a exortação já dada à igreja dos Coríntios, “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (1 Co 11: 1).

(Verso 12). Embora o apóstolo não pudesse estar livre naquela época para visitar Corinto, isso não significava que seria errado que outro servo do Senhor visitasse esta igreja. Evidentemente o apóstolo julgou que Apolo poderia ajudar a igreja, e por isso tinha “rogado muito que fosse”. Contudo, Apolo não quis, por isso o apóstolo, tendo expressado o seu desejo, deixa o servo do Senhor livre para atuar diante do seu Mestre.

(Versos 13, 14). Os santos coríntios não deveriam depender dos servos do Senhor. Por essa razão, se os servos vêm, ou se abstêm de virem, os santos coríntios são exortados, primeiro, a *serem vigilantes*. Um adversário sempre ativo exige a vigilância constante. Segundo, eles devem *estar firmes na fé*. As invasões de falso ensinamento só podem ser combatidas estando firme em todo âmbito da verdade. Terceiro, vigiar contra o adversário e estar firme na fé exige que eles *deixem a si mesmos como homens*.

Infelizmente, muitos em Corinto tinham estado agindo de um modo carnal, comprovando que espiritualmente eram apenas bebês quando deveriam ser maduros. Quarto, deixando a si mesmos como homens exigiria que *fossem fortes*, e isso significa, como o apóstolo diz em outra epístola, que eles devem “se fortificar na graça que há em Cristo Jesus” (2 Tm 2: 1). Quinto, a força espiritual se expressa no amor; o apóstolo, por isso, acrescenta: “Que todas as coisas sejam feitas *em amor*”. Infelizmente, quantas coisas podem ser feitas com relação à igreja de Deus que podem ser perfeitamente corretas, e, contudo com um motivo que é inteiramente errado porque está faltando o amor.

No caso desses santos em Corinto, eles tinham sido grandemente marcados pelo descuido em vez da vigilância; ao em vez de estarem firmes na fé, alguns estavam especulando sobre ela e até negavam uma verdade tão fundamental como a ressurreição; ao em vez de deixarem a si mesmos como homens, tinham caído nos caminhos do mundo; a debilidade os tinha marcado e não a força e o egoísmo ao em vez do amor. É bom que todos nós tomemos essas exortações no coração.

(Versos 15-18). Outra importante exortação se segue com referência a uma classe de servos que são muito abençoadamente descritos como tendo se “dedicado ao ministério dos santos”. Eles não eram necessariamente homens dotados de dons como a pregação ou o ensino, que eram para toda a igreja, e poderiam dar-lhes um lugar proeminente diante de outros, mas representam uma classe valiosa de servos que localmente se dedicam de um modo ordenado ao serviço para o povo do Senhor. Há um perigo de que estes tais sejam negligenciados a favor daqueles cujas atividades os trazem mais a público. Por essa razão a exortação é para reconhecer estes tais e serem sujeitos a eles assim como, na realidade, a todos os que se juntassem à obra e trabalhassem. O próprio apóstolo reconhece estes tais como tendo suprido aquilo que faltava da parte da igreja dos Coríntios. As palavras que se seguem parecem indicar que isto não era ajuda material, mas refrigério espiritual. Isso é confirmado pela segunda epístola, da qual aprendemos que o apóstolo recusou toda a ajuda material desta igreja (2 Co 11:9, 10).

(Versos 19, 20). As igrejas na Ásia enviam a sua saudação. Áquila e Priscila, os quais o apóstolo tinha encontrado primeiro em Corinto, envia saudações especiais, junto com a igreja que se encontrava em sua casa. Que eles saúdem uns aos outros com o beijo que expressa o amor fraternal; mas que esse método usual de cumprimentar seja em santidade.

(Versos 21-24). O apóstolo acrescenta a sua saudação com a sua própria mão, o sinal seguro de que ele ditou a carta (2 Ts 3:17). Ele acrescenta uma palavra solene de advertência, encontrada apenas nesta Epístola: “Se alguém não amar o Senhor Jesus Cristo, seja anátema; maranata”. O significado dessas palavras é, que nos é dito: “Amaldiçoado; o nosso Senhor vem”. Isso indicava que a vinda do Senhor pode revelar o fato solene de que há alguns que tomaram o seu lugar entre o povo do Senhor que nunca foram realmente tocados pelo Seu amor e por isso não têm nenhum amor por Ele, e isso prova que não são do Senhor. O apóstolo deseja que a graça do Senhor possa estar com esses santos, e conclui assegurando-lhes que o seu amor é para com todos eles. Não era, contudo, mero amor humano, mas amor “em Cristo Jesus”. Por mais fielmente que ele possa ter-lhes escrito, o amor era o motivo; por essa razão deu-lhes a sua própria exortação: “Que todas as coisas sejam feitas em amor”.